

O coletivo em detrimento do individualismo

A sociedade ocidental contemporânea, que teve sua gênese ao longo de uma série de revoluções ocorridas nos séculos XVIII e XIX, é marcada, cada vez mais, por um espírito individualista, em que não há, de modo geral, uma preocupação para com o outro nem para com o coletivo.

Ho retornar o pensamento predominante na Antiguidade Clássica, observa-se que havia uma clara preferência pelas ações e relações coletivas. Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, preconiza que as relações humanas, como a política e a amizade, só podem ser construídas a partir do momento em que as pessoas desejem para os outros o que eles desejam para si mesmas. Nessa perspectiva, o estagirita afirma que uma relação verdadeira só pode ser construída virtuosamente, ou seja, por meio de uma prática constante de um meio termo entre o excesso e a falta, com a finalidade de uma atitude altruísta.

Porém, constata-se que desde o advento da sociedade moderna, com o ascensão de uma mentalidade burguesa, estas ideias predominantes nas sociedades clássicas foram esvaindo-se em favor do egoísmo e das ações periculosas. A partir da disseminação desta nova concepção sobre as relações humanas, observa-se que estas são marcadas, principalmente, pela fragilidade e pela superficialidade. Prova disso é o próprio desenvolvimento do sistema capitalista, notadamente após a Revolução Industrial Inglesa, que de modo irracional explorou não somente os indivíduos desfavorecidos pelo sistema, mas também a natureza em busca de matérias-primas e fontes energéticas. Este fato mostra que não há uma preocupação com o bem-estar do outro, nem mesmo com o singular e inalienável direito à vida, sendo necessária, para mudar este quadro, uma série de subversões e protestos por parte destes segmentos sociais marginalizados para que houvesse a garantia da dignidade humana.

Nesse sentido, fica evidente que o homem, de modo geral, não tem mais uma preocupação de desfrutar das coisas simples da vida, como a proposta de Burke Morex ao plantar palmeiras para que as futuras gerações possam presenciar este espetáculo da natureza. Isto ocorre devido à predominância de uma cultura de massa, alienada, preocupada em alterar parâmetros e um ritmo eloquente de consumo em detrimento de uma mentalidade coletiva de bem-estar, que tenta por objetivo amenizar os hediondos flagelos que ocorrem em todo o mundo, como por exemplo as guerras civis que ^{se} ocorrem em solo africano.

Desse modo, há uma necessidade de desenvolver um mundo sustentável em vários aspectos como os sociais, os políticos e os ligados à preservação da natureza. Nesse aspecto, partindo de uma perspectiva histórica para analisar o indivíduo, em que este pode auto-determinar-se independentemente do sistema em que está inserido, observa-se que, mesmo a maioria adotando um pensamento egoísta, alguns indivíduos tornam-se obra realidade e contribuem de modo efetivo para a construção de um mundo igualitário e mais justo, comportando, assim, um pensamento de longo prazo para a sociedade. Ho tomar-se este posicionamento, é concebível que no mundo contemporâneo as atitudes altruísticas ainda desempenham um importante papel, que poderá expandir, de modo concreto, a partir do momento em que se implementar um sistema educacional capaz de transformar a mentalidade predominante.

Sobre equívocos, Narcisos e imediatismos

Caracterizada pela evidente digressão do "eu" em "tu", a atual estrutura socioeconômica, embasada no que é efêmero e aparente, acarreta na vida uma devastadora inversão de valores. Os indivíduos, influenciados pela vivência em meio a um mercado de consumo marcado pela competição, passaram a enxergar o outro como um inimigo em potencial. Diante disso, entre relacionamentos superficiais, valores egoísta e atitudes que priorizam o imediato, o altruísmo vai se deslocando e se tornando uma raridade no mundo contemporâneo.

Em "Amor Líquido", o sociólogo polonês Zygmunt Bauman diz sobre a fragilidade, superficialidade e efemeridade dos relacionamentos humanos. Para ele, em um mundo que se molda facilmente, pois vive em constante transformação, os laços humanos estão cada vez mais frágeis e instáveis. De fato, a sociedade pós-moderna está cada vez mais mecânica, mais indiferente e menos humana. Se antes a amizade prevalecia, hoje se moldece o dinheiro; se antes o sexo corrompia o amor, hoje encontram-se praticamente desinteressados. Isso, no entanto, não acontece impunemente; o respeito e a consideração com o outro, a partir disso, já nascem desfigurados, ao passo que o individualismo e egoísmo se começam a vigorar.

No mito grego, Narciso amava-se incondicionalmente. Apreciava sua voz, seu corpo e sua feição. Certo dia, Narciso opinava-se por uma vez, a da bela ninfa Eco. Palavras aos ouvidos de Narciso, entretanto, não eram as palavras que Eco dizia; eram as palavras que ele mesmo proferia e Eco, amaldiçoada para isso, refletia. Por isso, quando a viu, Narciso a rejeitou friamente, e ela, amargurada, definhou. Analogamente, o mundo contemporâneo encontra-se pleno de Narcisos, indivíduos egoístas e indiferentes aos outros. Para eles, a imagem própria e o moldecer do "eu" são as prioridades. Assim, sentem-se no direito de ignorar e desprezar o outro, agindo irresponsavelmente friamente com relação ao outro, ao coletivo, ao mundo.

O próprio pensamento imediatista em relação aos recursos naturais, próprios do capitalismo, revela a que grau o altruísmo rebaixou-se. Embora sejam propostos tratados e acordos que tentam amenizar o problema ambiental atual, pouco tem sido visto na prática. O fato é que ainda impera a lógica de mercado, onde tempo constitui dinheiro, e como medidas ecológicas coerentes são mais demoradas, são também economicamente inviáveis. De fato, inexiste o senso de destino compartilhado. É a tal da sustentabilidade, que valoriza a eficiência na utilização dos recursos naturais e pensa nos recursos das gerações futuras, é deixada a segundo plano.

A partir disso, depende-se o caráter egoísta e imediatista da sociedade contemporânea. Trata-se de uma sociedade cujos valores mais profundos, como o respeito e o altruísmo, que tornam a vida realmente humana, têm sido esquecidos, abandonados e enterrados sob os escombros de uma "lógica moderna" na qual prevalece o "eu". Infelizmente, apenas a redução e o resgate de alguns desses valores importantes valores sinalizam como soluções coerentes neste mundo insensato, caracterizado pelo acúmulo de equívocos, Narcisos e imediatismos.

Auto-destruição

No mundo contemporâneo, o espaço para o altruísmo e o pensamento a longo prazo se restringem a exarças ações individuais, enquanto o "status quo" direciona as instituições humanas para a crise total dos valores. A atomização e a reificação do homem superficializam as relações interpessoais. A economia tecnocientífica e a ditadura do consumo consomem cada vez mais os recursos do planeta. Portanto, a ~~to~~ humanidade vive em um período em que não há garantias para o futuro, somente incertezas e desconanças.

O sistema capitalista não só construiu grandes utopias coletivas, como também as destruiu, logo fragmentaram-se a ideologias ^(desenvolvimento social, paz coletiva) que uniam os homens. Estes, descrentes com o futuro, tornaram-se individualistas e passaram a priorizar seu bem-estar em detrimento da coletividade. Isso se soma negativamente à corrupção da conduta ética, já que os indivíduos renunciam ao altruísmo e não capazes de prejudicar a comunidade para o benefício próprio. Por ser egoísta e imediatista, a sociedade contemporânea perpetua as desigualdades sócio-econômicas e a destruição do meio ambiente.

Conquanto seja quitante a necessidade de preservação, atitudes voltadas para o futuro como a de Roberto B. Meix-pissigaja que plantou árvores que floresceram mais século depois - não raríssimas. Os efeitos danosos do capitalismo castigam a natureza, e o metabolismo linear não pensa nas próximas gerações, entretanto lhes oblitera o direito de viver em ^{um} mundo ainda saudável e com recursos. O progresso econômico-científico impede a preservação e condena o futuro, portanto a humanidade de amanhã já é subtraída para sustentar a atual.

A cultura da solidariedade e o pensamento a longo prazo se transformaram em mecanismos de lucro, uma vez só se ajuda quando há interesse fiscal to em (a exemplo, Fundação Ronald McDonald) e o pouco que é preservado será explorado posteriormente. O Popai Abel, símbolo da generosidade humana, tal como se conhece é uma criação da Coca-Cola, megacorporação da sociedade de consumo, ou seja, o altruísmo atual é uma falácia, enquanto sustenta estruturas que deturpam seu valor real.

A incoerência mundana e a crise total dos valores exauriram os recursos naturais e coíficam o homem, além de não garantir o futuro. Portanto, a humanidade se encontra sob o risco de imploração e exploração, logo o resgate dos princípios coletivos não importantes para que o homem não destrua a si mesmo.

A fragmentação do homem pós-moderno

O espaço humano está numa relação de constante transformação com os valores e expectativas ~~de~~ do homem. Se existe na natureza uma força que orienta os seus vivos para a vida e para a morte, existe, na experiência humana, um conjunto subjetivo de intencões que orienta a transformação do nosso espaço e das relações nele colocadas. Hoje percebemos diversos problemas causados pela convivência humana num determinado espaço: problemas de ordem social, ambiental e urbana, por exemplo, que são a reprodução de certos valores.

Para os historiadores, hoje estamos na pós-modernidade. Nicolau Sevcenko define a pós-modernidade como o fim da crítica: o homem não tem consciência crítica de seu lugar na História e no mundo. O passado não tem significado para ele, nem o futuro. De forma que o presente é a única dimensão contida. Se o homem pós-moderno está confinado no seu presente contido, e entãõ — e nele a natureza, o espaço e outros sujeitos — não se relaciona com ele, já que ambos são definidos pela interferência mútua ao longo do tempo. Sevcenko descreve, portanto, um homem inconsciente das implicações de sua presença no mundo, apenas superficialmente em contato com suas necessidades. Daí temos o egoísmo levado às últimas consequências, aquele egoísmo pós-moderno em que nem há consciência do "eu". A busca pela realização de um projeto, ou a felicidade, dá lugar na pós-Modernidade à busca pelo prazer individual e imediato.

Considerando o homem descrito por Sevcenko, percebemos que o fim da crítica provavelmente explica os problemas anteriormente citados. A sólida consciência de Bertoldo Marx em relação a outros homens e à História se materializa, no espaço da convivência, na palma talipot; e a ignorância que predomina em nossa sociedade se materializa em conflito e destruição da natureza e da integridade do mundo. As pessoas pós-modernas são incapazes de se colocar, como a palma talipot, como parte de uma cadeia de acontecimentos mutuamente determinados no tempo e no espaço.

A implicação disso é que o homem, incapaz de ver sua existência como resultado e causa da existência de outros, encontra o próprio fim. Se somos seus históricos, políticos, como disse a historiadora Arendt, e subjetivos, não podemos existir sem perder o mundo. A pós-modernidade seria a própria fragmentação do homem. Assim, o mundo contemporâneo não oferece lugar para o altruísmo, o pensamento a longo prazo e para o próprio homem: ele não enxerga na palma talipot o que via Bertoldo Marx.

Destinos Compartilhados

Uma série de reflexões e diagnósticos acerca do mundo contemporâneo ~~tem~~ marcada por uma perspectiva pessimista: um individualismo exacerbado fragiliza as relações interpessoais e as instituições responsáveis pela socialização e pelo contrato social. Ao mesmo tempo, vivemos em um mundo mais fluido, de temporalidades sobrepostas e configurações altamente combinadas, tornando a tarefa de construção identitária árdua, tortuosa e onerosa pelo fracasso, tornando fútil com que planos e projetos a longo prazo comecem no cordão bombo. Há ainda lugar para o altruísmo em um cenário assim delineado?

Os diagnósticos do pós-modernidade, modernidade líquida ou da 'era do vazio' ideam questões pertinentes, analisando entre outros aspectos os fatores de crise social contemporânea. Nesse sentido, as temporalidades verticais, a fugacidade das relações e o individualismo de consumo são percebidos como sintomas. O contraste nesses casos é o passado, com a forte presença de grandes narrativas estruturantes, nos quais se recolocam valores como o comunitarismo, o altruísmo, o sacrifício e a solidariedade. O risco dessas análises nostálgicas é esboçar a realidade contida em modelos anteriores e imobilizar aspectos que têm energia nessas cenários fragmentados e híbridos, e que se utilizam justamente de uma linguagem fragmentada para se construir politicamente.

A fragmentação do mundo contemporâneo se relaciona também aos novos movimentos sociais, ao pós-modernismo, ao feminismo e a constantes buscas de self-representações no espaço público e de produção de subjetividades legítimas no espaço íntimo. Nesse contexto, a busca pela solidariedade já não se dá necessariamente por uma política de identidades, que promove a separação de desenhados, mas por coalizões que criam horizontes de exigência moral e formas de ação a partir das múltiplas incompletudes. O altruísmo pode ser entendido como os novos práticos éticos que contemplam o multiculturalismo e recolocam novos sujeitos de direitos.

E entre os novos sujeitos de direitos estão também os elementos não-humanos (o bicho, os animais, a comoda de origem) que exigem pensamentos e políticas a longo prazo. Estes 'altruísmos heterogêneos' tornam-se centrais no agenda global, ainda que se apresentem como discursos minoritários. De todo modo, oferecem mais alternativas de ação do que alardeio sombrio sobre a fragilidade ubíqua das relações, pois oferecem novos elementos para novos destinos compartilhados.

Tende a mudar.

A atual sociedade, criada no mais íntimo dos ventos pelos desejos do capitalismo, identifica-se com a ideia burocrática de lucro. É uma ideologia que nasceu no final do século XIX, mas que também esteve presente em outros momentos da história, apresenta seus aspectos hoje, tanto nas relações humanas quanto no ambiente natural do Terra.

O raciocínio comercial apresenta o início da sociedade capitalista, que mais tarde de se desenvolveu no capitalismo mercantil e mais tarde ainda no capitalismo industrial, ambos os períodos foram marcados pelo busca incessante de colônias para serem exploradas e competitarem a economia de suas metrópoles, e por fim a longo prazo até os dias de hoje da ideologia de época que ainda ainda foram exploradas até sua exaustão e populações foram dizimadas, tudo em nome de lucro imediato das nações exploradoras, e que representa não só a falta de pensamento a longo prazo como a total falta de solidariedade.

A industrialização e o antropocentrismo/iluminismo tiveram consigo, respectivamente as ideias de especialização, valorização do homem e do pensamento. A busca dessas influências refletiu-se hoje de forma distorcida e perigosa. Percebe-se uma tendência: as pessoas buscam um tipo de facilidade, sem um real propósito, quer ficar rico e bem sucedido, mas pouco se importam com seus vizinhos e ideias de ajudar o próximo, e também, por exemplo médicos que exercem o profissional por um questão de status social e econômico e não pelo ideal utilitário e a utilidade de ajudar os próximos.

A falta de pensamento a longo prazo e os ativismos refletem-se hoje também no meio ambiente, em que a utilização de combustíveis fósseis, o desmatamento de florestas e a poluição da ar, da água e do solo demonstram uma falta para com o destino do planeta e dos seus descendentes. Essas ações encaixam-se também no ideal de lucro em grande escala e não reflexos de uma ideologia antiga, vê-se isso pelas motivações de utilização em grande escala de recursos fósseis: economicamente é mais vantajoso do que outras fontes de energia, quanto o conceito ideológico de bem-estar já citada, em que cada produto que rende um lucro é explorado até o limite.

Portanto, podemos concluir que a falta de pensamento a longo prazo e os ativismos não são exclusivos da sociedade contemporânea e sim um herança de muitos séculos. É o erro de haver pouco lugar para ambos atualmente, deixamos grande espaço que o ideal de lucro ocupa, mas é um sociedade que tende a mudar, pois a natureza já demonstra que não comporta mais tanta exploração, e as pessoas são mais de que percebem e quanto isso pode refletir nas relações humanas que mantêm entre si.

01 Comtemporaneidade. Fragmentação social, individualismo e reconhecimento do outro.

02
03 O cenário social contemporâneo, cujo surgimento é por meios explicado
04 a partir de um processo de fragmentação religiosa e cultural, é também
05 muitas vezes decrito com um cenário no qual reina um egoísmo des-
06 enfreado, um individualismo amoral no qual o outro perde seu sentido
07 assim que deixa de ser útil para o "Eu". Este cenário é contra posto, com
08 certo saudosismo, a contextos sociais mais antigos, marcados por
09 relações pessoais mais fortes e por uma solidariedade vinculante para a
10 qual a preocupação com o outro seria constitutiva. De acordo com este
11 diagnóstico, as relações entre as pessoas estariam hoje, principalmente
12 nos grandes centros urbanos, mais frágeis e superficiais; situação que teria
13 promovido o individualismo e ~~reafirmado~~^{reafirmado} o ideal do altruísmo à situa-
14 ção de ideia fora de lugar. Caberia nos, assim, aceitar este individua-
15 lismo ou voltarmos ^{um} ao passado no qual as pessoas se preocupavam
16 com os outros.

17 Contudo, se a fragilidade das relações pessoais e das filiações a grupos
18 parece uma realidade difícil de se negar, ela parece crescer numa sociedade
19 que não para de tematizar e problematizar questões de justiça nos quais
20 o outro e a diferença são centrais. Questões de gênero, raça, igualdade
21 social, diferença de orientação sexual e ambientais (que explicitam
22 a preocupação com aqueles que estão por nascer) desempenham um
23 papel cada vez mais importante ~~as~~ so nas sociedades contempo-
24 râneas, que - como nunca antes - procuram incluir os outros
25 antes excluídos. Se a unidade religiosa e cultural, antes, resultava numa
26 solidariedade vinculante, esta se dava quase que apenas entre iguais e a um
27 preço alto; necessidade de filiação e pouca liberdade pessoal. O processo de des-
28 envolvimento social levou, sem dúvida, a uma fragmentação e à individualização, já que
29 o indivíduo não tem mais identidade definido. Este processo, contudo, parece também
30 ter sido como resultado a pluralidade de religiões, culturas e identidades, cuja convivência
31 exige - como nunca antes - tolerância, reconhecimento e, além disso, uma atenção
32 e consideração ao outro, ao diferente. Com a fragmentação surge um in-
33 dividualismo que gera não só egoísmo, mas a pluralidade e, com ela, a possibili-
34 dade de escolher livres e autônomas e a formação da personalidade num contexto democrá-

Redação - FUVEST 2011

Cultivar para crescer

Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, caía a URSS e com ela também o sonho de muitos que acreditavam na potencialidade do comunismo - sistema que diferentemente do capitalismo, apostaria na coletividade e no altruísmo. Aparentemente, o mau desempenho deste sistema e a adoção posterior de uma abertura de mercado, por países ligadas à antiga URSS demonstraram a superioridade do capitalismo e mais: os Estados Unidos provava que a individualidade, tão ferocemente pregada por seu sistema, não era contrária a um alto índice de qualidade de vida de sua população, evidenciado por seu alto índice de desenvolvimento humano (IDH).

Fim do altruísmo e da coletividade? Leob engano! Com a queda do estalinismo, as forças anarquistas, antes esquecidas, ressurgiram das cinzas; além disso, voltaram renovadas pela problemática ecológica dos tempos atuais e ~~pelos~~ novas pelas novas visões de mundo relacionadas aos direitos dos animais, à continuidade da emancipação feminina no século XXI (evidenciada pelo caso Shakirish, no Jvã), à internet - que possibilitou a extinção das fronteiras entre movimentos sociais e principalmente entre pessoas, que agora podem se mobilizar de qualquer lugar do mundo - e à renovação das esquerdas - antes predominantemente aliadas a partidos políticos ou a visões marxistas já despostas pelas ditaduras feitas em seu nome - agora também associadas a movimentos apolíticos, como o "Esercito Zapatista de Libertação Nacional" mexicano.

Há, entretanto, que se levar em conta que a polícia da juventude preocupa. Mesmo com o renascimento ou manutenção de alguma resistência contra o "status quo", será possível que somente este florescer seja capaz de ir contra a alienação da maioria da "geração coca-cola" de Renato Russo? Ademais, como esperar pelo altruísmo e pelo ~~sem~~ pensamento à longo prazo da humanidade pós guerra-fria, quando os governos e a população pouco cedem de seus hábitos não sustentáveis, a favor de políticas ou comportamentos menos destrutivos ao meio-ambiente (vide a crise do "Código Floresta Brasileiro" e a quase falência do "Projeto de Kyoto")?

Não se esperaria que a educação consumista da mídia e que o ainda existente imbricamento e exploração entre governos ganhasse uma população de "Gandhis", todavia a crescente mobilização na internet, os boicotes, os novos movimentos sociais, são sinais de que nem tudo está perdido. Dizer que não há lugar para a gentileza e para a amizade no mundo contém porventura seria negar esses fatos, porém dizer que não há preocupações seria ingenuidade. Assim, ainda há muito a que se fazer, pois apesar de ainda pequenas, as ações coletivas tas podem ser regadas e gerar frutos, assim como as palmeiras de Burk Marx.

A liquidez contemporânea

O acadêmico Alfredo Bani, autor do livro "Ideologia e contra-ideologia", define a primitividade como a transformação de um conjunto de valores restritos a um determinado grupo social em um idealismo universal, a ser seguido por todos. Segundo Bani, a compreensão do individualismo e da competitividade como instâncias inerentes ao ser humano é falaciosa, resultado de interesse da elite burguesa liberal, há secular, em obter validação para práticas econômicas e ampliar sua influência.

Tais valores encontram-se tão arraigados no imaginário coletivo que se torna difícil mudar sua inconsciência. No modelo de sociedade praticado em grande parte do planeta, baseado no consumismo e no permanente individualismo, a noção de coletividade e altruísmo não é anti-natural. Livras de ciência ensinam que animais competem duramente entre si, sendo uma disputa o motor de sua evolução e permanência. Vê-se como exemplo de sucesso a figura do "self made man", anjo, do homem que, através de sua esforço próprio, alcança o objetivo que quiser, desconsiderando ~~para~~ quem e preciso passar pelo tráfego durante a trajetória.

É esse o contexto denominado pelo filósofo Zigmund Bauman de "mundo líquido". Nela, os relacionamentos e as próprias pessoas constituem-se por superficialidade e imediatismo, com um caráter efêmero que, por fim, tende a destruir o indivíduo. Nunca foi tão fácil consumir produtos e começar pensar melhor; contudo, já não o ser humano viveu tão angustiada e intimamente solitário.

Nessa conjuntura inenunciável, faz-se necessária a contra-ideologia, que tem, de acordo com Alfredo Bani, a finalidade de contestar a convicção hegemônica, dando ênfase ao espírito de coletividade e o projeto de abandonar. Deste modo, a reflexão crítica da sociedade sobre si mesma é indispensável à emergência de um pensamento altruísta e de luta pelo bem comum, contrapondo-se à liquidez cínica e degradante da estrutura vigente. Se forem buscadas as motivações de comportamento humano, desvendando-se ao máximo de imparcialidade ideológica, encontram-se aí, entretanto, uma genuína preocupação com o próximo.

O mundo contemporâneo deve abandonar "aquela velha opinião formada sobre tudo", como conta Raul Seixar, para recuperar seu altruísmo fantasmagórico. Assim, poderá realimentar a relação humana e, quiçá, utilizar esse o tempo gasto em sessões de terapia para apreciar a natureza florida.

A contemporaneidade de Panis et Fursinus.

No período denominado "século de ouro", na Roma Antiga, instituiu-se o chamado "Panis et Fursinus": a população vivia e alimentava-se de diversas, e tudo estava resalvado. Posteriormente, com a Revolução Industrial, deu-se a idêntica do imediatismo, da rapidez nas linhas de produção. A história repete aqui as ações e as consequências a longo prazo, são cada vez menos polarizadas pelo ser humano, em decorrência de uma construção dialéctica que aponta pela síntese, pelo valor. Mas por quais razões isso ocorre?

O tempo é tudo ou nada - como o agente condicionante da vida contemporânea. Ou melhor, a falta dele. Tornamo-nos escravos das ponteiros, tornamo-nos vítimas de medidas que não nos mesmas ornamas. Esperar tornou-se uma tortura: dura-se viver - ou simplesmente "existir" - de acordo com o modelo just-in-time. Quando G. Kropotkin afirma que a cultura do sacrifício está morta, é possível aplicá-la tal utilidade ao fato de que a cultura do agora desvirtua paulatinamente o poder do ser humano sobre o tempo, fazendo-o temer o passar das dias, das meses, das anos. Tem-se o envelhecimento, tem-se a morte.

Mas o que verdadeiramente importa, se importa o homem? O legado humano realiza-se porque não há tempo para deixar registrar. Quem se vive o jornal, jogar o metro, trabalhar. Práticas como a leitura têm sido abandonadas pelas novas gerações que nasceram com um cronômetro instalado em suas mentes. O altruísmo e o amor natural e desinteressado já não existem, pois vive-se em prol do individual, do singular, não havendo, portanto, o estabelecimento de um "todo" harmonioso e relativamente equilibrado que leva o nome de "cultivo" fervoroso. Sucumbir ao parâmetro das instâncias em prol da ascensão das valências burguesas, por aqueles que defendem o estilo de vida que foram condicionadas a levar, é banalizar a essência do ser humano como item imprescindível para o estabelecimento e disseminação da condição animal a que pertencemos. Exigir o valor, o imediato e o sintético, sem ter a consciência de que estes valores são injetados em nossas mentes, e ter a confirmação de que o Panis et Fursinus da Roma Antiga é tão contemporâneo quanto o advento da globalização.

A atualidade de *Um por todos, todos por um*

protagonizado por Will Smith, o filme *Seu Tio* retrata o esforço de um homem para se redimir de um erro: após provocar um acidente em que setenta pessoas morreram, busca pessoas mercedosas nas listas de espera de transplantes para que recebam seus órgãos após se suicidar.

Embora ficção, o filme é apenas uma dentre várias histórias criadas para que o homem reflita sobre o papel que tem como integrante da sociedade. Por fazer parte de um conjunto, cada mínima ação tende a refletir no todo mesmo que demore.

Localizar aspectos negativos é uma tendência humana — prevalecem noticiários sobre a violência e a deslealdade. No entanto, sob um prisma mais detalhado, são vistos inúmeros casos de luta pelo bem coletivo, os quais provam a sobrevivência do altruísmo em meio ao individualismo. Gandhi, Luther King, Mandela e Chico Mendes dedicaram suas vidas para que as gerações seguintes vivessem em uma sociedade mais justa. Eles e muitos outros, mais conhecidos ou não, constituem exemplos eternos de abnegação.

Atuando em esferas mais restritas há incontáveis organizações de caráter filantrópico em comunidades atingidas pela realidade do tráfico de drogas, da pobreza e da violência. Esses grupos são formados por pessoas que acreditam na reestruturação dos relacionamentos a partir da transmissão de valores por meio do esporte e da arte. As crianças e os jovens desse projeto possuem maiores perspectivas e podem sonhar com um futuro melhor, no qual a família não mais terá laços tão frágeis.

A humanidade é heterogênea como qualquer agrupamento, com individualistas e coletivistas, imediatistas e planejadores. Com tantas divergências, deve-se buscar um equilíbrio e seguir valores morais e éticos pensando em um "nós" futuro sem abandono do "eu" presente e sem a limitação do senso comum de que se já não se consegue mudar nada. Afinal, como disse o mineiro Chico Xavier, "Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim."

O Fabuloso Destino

Fluidez é uma palavra que cabe bem na descrição do mundo contemporâneo. Na escrita da profissional, nos relacionamentos pessoais ou em qualquer fato diário, perpetua-se o egotismo, que leva o homem à condição de máquina. E relatos tornam-se os viraculões com as pessoas, e mesmo com a vida, devido a esse imediatismo em benefício próprio. A superficialidade desse hedonismo exagerado contanta a maioria, que envolve pessoas literárias como o português João Romão, de "O Cortiço", os nobres amigos do fidalgo Joazeiro, de "A Cidade e as Serras" ou mesmo o ensinuado Bento Santiago, de Dom Casmurro. Poucos são os que se lembram de parar e olhar ao redor.

A História nos dá grandes exemplos de figuras expertas da abnegação, como Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e Francisco de Assis. Está certo que estes dedicaram plenamente suas vidas em causas humanitárias e o mundo ainda está muito longe disso. Ocorre que o altruísmo pode, sim, ser praticado em patamares menos intensos, mas ainda relevantes. Ninguém precisa tomar todos os deuses do mundo, como pensou a personagem Amélie Poulain do filme de Jean Pierre Jeunet. Até porque, como alerta o pintor Dufryel, do mesmo filme, se alguém viver somente para ajudar os outros, quem ajudará ele próprio? Amélie, então, consegue equilibrar essas ansias, deixando clara a ideia de que o sorriso do meio, o meio-termo da existência, ainda pode ser alcançado nos dias de injúria. O poderimento de si próprio e a omissão do "eu" em favor somente dos outros, nem o egoísmo e a supervalorização do "eu", mas o altruísmo, que nos faz atentos no mundo de uma maneira saudável, envolve nos todos ao "bem comum" do pensamento aristotélico.

É desse altruísmo que brotam organizações não-governamentais, que atuam no auxílio médico e hospitalar ("AACD"), na construção de casas populares ("Um teto para o meu país"), no auxílio de renda e moradia ("grupo girassol"), dentre outras. Tudo girando em torno do pensamento de que é possível e necessário o pensamento no outro, mesmo que os resultados não venham a curto prazo. Lembra isso o caso do paisagista Burtel More, que plantou uma espécie de palmeira que leva 50 anos para florescer; ele mesmo não contemplará os frutos do seu esforço, mas sabe que haverá quem o faça, e isso alimenta a sua iniciativa. Uma criação infusa diz "arranje tempo para olhar ao redor" e dia é mais certo para ser agêta. Verdadeiro é seu pensamento e eterna a sua naturalidade. Isso porque, mesmo na fluidez em que está o mundo, ainda há uma védua de humanidade. O altruísmo é uma constante metafísica e há, sim, um pouco de Amélie Poulain em toda parte.

A incivilidade dos gentílicos, sem utopias

É findo o tempo das grandes ideologias, das causas pelas quais milhões de pessoas integram a própria vida. O término da Guerra Fria, em 1989, catalisou, de forma geral, a ruína das utopias e a lógica mercantilista capitalista ocupou o vácuo por elas deixado, capitalizando-se mundialmente e cercenando seus princípios compatíveis e individualistas nos mentes das pessoas de todo o mundo. O contexto contemporâneo, caracterizado pela velocidade avassaladora das mudanças, difunde de forma contundente um pensamento imediato, misérrimo, que desmorona o altruísmo ou o pensamento a longo prazo.

Corre-se, diariamente, o risco de atingir o grau de incivilidade previsto por Thomas Hobbes em seu Leviatã. Diante de uma falta generalizada pela obtenção de vantagens e maior usufruto de recursos materiais e naturais disponíveis, a humanidade parabolicamente se afasta do espírito coletivo que um dia regiu a sociedade gentílica grega, um dos primeiros tipos de organizações sociais, e avulta para o caos a que o individualismo pode levar, como bem imaginou José Saramago em O Enamorado da Cegueira.

São cada vez mais raros exemplos de abnegação gandhiana, em prol do próximo ou do bem-comum. Em países como o Brasil, por exemplo, a caridade é atrelada a programas assistencialistas de transferência de renda que visam ao aumento de popularidade do governo, fundamentada sobre o estatuto, a revolta da cidadania assistencial à população carente, como mostram dados recentes do IAD que revelam que muitos famílias beneficiadas pelo Bolsa Família seguem vivendo na miséria.

Nos debates ambientais realizados internacionalmente, um dos maiores entraves à tomada eficaz de medidas em prol da preservação do meio ambiente reside ~~precisamente~~ no pensamento imediato, que imobiliza a preocupação com as gerações futuras, com a sustentabilidade futura. Para as gerações contemporâneas, o futuro é demorado distante e, portanto, indigno de atenção. Evidentemente, essa despreocupação pode ser demora e ocasionar a perda das solidariedades das nações que tornam uma sociedade trivial a longo prazo, uma vez que são negligenciadas todas as condições de sua sustentação.

Exemplos como o de Jilka Arns na gestão do Hospital da Criança, contudo, não cessam de mostrar que ainda existem pessoas que se auto-sacrificam para fazer o bem sem interesse recíproco. E essas pessoas devem ser tomadas como referência para evitar a superficialidade nos relacionamentos e a perda definitiva do altruísmo, do espírito coletivo que pode ser firmado em um ser social. Essa retomada de valores é fundamental para evitar a degeneração completa do humanitarismo em preocupação com o amontoado. Afinal de contas, se as obrigações do homem na vida são: ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro e todos esses ~~contemplam~~ muito mais o futuro de que o presente, é insano que o destino seja negligenciado da forma como é hoje. Não tudo está perdido. Desobedecer é antes uma questão de abster a seguiria do racismo e encorajar a beleza inerente à fraternidade.

A impressão vigente é a de que o egoísmo impera na sociedade contemporânea. Entretanto, altruísmo e solidariedade não foram de todo extintos, nem poderiam deixar de existir.

O futuro das próximas gerações parece nefasto com todos os problemas ambientais de que se tem notícia atualmente: baraco na camada de ozônio, excesso de CO₂ atmosférico, agravamento do efeito estufa, entre outros. Ambientalistas discutem contra empresários ensimesmados que pensam mais no próprio lucro do que na natureza. Contudo, há ainda certo traço de altruísmo em meio a um cenário dominado pelo egoísmo: a elaboração da Agenda XXI, com o objetivo de promover reformas e deixar para as futuras gerações um mundo mais limpo e com menos desigualdades sociais.

Há ainda outros exemplos no campo econômico/social. Marx retratava as classes dominantes, detentoras dos meios de produção, como exploradoras e tirânicas, mas algumas ações solidárias tiveram origem nessa mesma classe. Bill Gates, um dos homens mais ricos do mundo, doar metade de sua fortuna (e estimulou outros a fazerem o mesmo) para caridade. Socialistas utópicos, entre os séculos XIV e XV, eram donos de empresas que defendiam salários e condições de trabalho mais justas para os empregados, e chegavam a montar creches dentro das empresas para os filhos dos funcionários.

Dentre os casos citados, e dentre outros mais, não se pode afirmar ao certo quais foram motivados por verdadeira solidariedade e quais foram motivados por interesse. Porém o efeito é o mesmo, já que faz bem a outras pessoas (e este é o verdadeiro intuito da solidariedade).

Se as ações forem motivadas por interesse, há a perspectiva de que, a longo prazo, o altruísmo se perpetue no mundo contemporâneo. Afinal, segundo Hegel, dentro de uma tese (mundo egoísta) surge a própria antítese (solidariedade) que levará ao seu colapso. Se, por outro lado, as pessoas forem motivadas por verdadeira, genuína preocupação para com o próximo, então a perspectiva continua sendo positiva, pois isso mostra que uma sociedade não é homogênea (~~completamente~~ egoísta), e sim composta por diferentes indivíduos. Assim, sempre haverá espaço para altruísmo, pois sociedades são compostas tanto por indivíduos solidários quanto por pessoas verdadeiramente individualistas.

Concluindo: a generalização do caráter de uma sociedade é um erro que, se cometido, pode levar a concepções igualmente errôneas, como a falta de esperança na melhoria das condições ambientais e sociais, e a crença em futuros nefastos. O altruísmo, entretanto, de um modo ou de outro, sempre continuará presente.

Altruísmo na Essência Humana

Os costumes, usos e valores da sociedade moderna têm sido contestados sob vários aspectos, levantando-se a questão da fragilidade dos laços interpessoais, inclusive os familiares, e do egoísmo generalizado nas ações cotidianas. Alguns acusam a contemporaneidade de "matar" os sentimentos de solidariedade e comunidade e, ainda segundo esse raciocínio, os prazeres e pensamentos a longo prazo foram substituídos pelo foco no superficial e no efêmero. Diante dessas constatações, surge o debate: Estaríamos nos tornando mais egoístas?

A pergunta só pode ser respondida se analisarmos a doação e a prudência como condições essenciais no contacto da humanidade. Poderia-se dizer que "a cultura do sacrifício está morta", mas quando ela esteve viva em primeiro lugar? Argumenta-se que há exemplos históricos de personagens que, hoje, são retratados como heróis ou santos por terem agido desinteressadamente em defesa do bem comum e da paz, como Madre Teresa de Calcutá e São Francisco de Assis. A princípio, porém, essas pessoas não seriam mitificadas se não fossem exceções e não faria muito sentido lutar pela paz onde ela já existe. Portanto, um maior número de ícones conhecidos pela grandeza de seus valores não significaria um sentimento generalizado de humanidade, mas, ao contrário, um ambiente conturbado e carente desses mesmos valores.

Também se fala sobre uma sociedade atual com proposta mais individualizadora, baseada na troca rápida de informações e incentivo ao consumo, impedindo a profundidade do pensamento. No entanto, se o altruísmo e a solidariedade são de fato parte da natureza, devem deveriam se manifestar mesmo com o ambiente aparentemente contrário. Interessantemente, é o que acontece. O volume de doações para a caridade é crescente e exemplos de sacrifício em prol do próximo acontecem sempre, embora geralmente sejam mais noticiados em ocasiões de catástrofes ou conflitos - o que reforça que a humanidade, em essência, não mudou.

Mesmo hoje há grandes exemplos de altruísmo, embora pareçam sufocados nas mídias por exemplos do contrário. É um erro, porém, pensar que a humanidade possui a agir dessa forma apenas nos últimos tempos. Mesmo por que, os exemplos de doação e sacrifício ao longo da História não se concentram nos grandes acontecimentos, mas sim em casos particulares do dia-a-dia, sobressaindo no contexto geral.

Altruísmo é pensamento a longo prazo ou obrigação.

A humanidade, evidenciamos que é corroborada por sua produção intelectual, científica e artística. Entretanto, os antagonismos obtidos em função da evolução não são uniformemente pelas pessoas seja no âmbito de um país ou do planeta. As consequências são perceptíveis. Como exemplo há os economistas que apontam, a desigualdade na distribuição de renda, na maioria dos países bem como as consequências que isso tem na vida das pessoas dos países. As ecologistas e cientistas demonstram as consequências do aquecimento global, seus efeitos climáticos e como isso afeta o planeta.

Se no campo econômico o efeito indesejável da pobreza é mais demorado para chamar a atenção de países pobres como o caso das guerras civis na África subsaariana, a realização dos danos ecológicos é mais demorado pois o aquecimento global, por exemplo, afeta a todos. De qualquer modo o desequilíbrio, seja socio-econômico ou ecológico, permeia a dinâmica do confronto entre a capacidade que uma sociedade tem de organizar-se para fundamentar o consenso que pretenda seguir e a predominância das iniciativas que são realizadas por uma visão individualista de se comportar e gozar benefícios e vantagens.

Hoje no passado países que concertaram um pacto pelo qual direitos como trabalho, educação e saúde foram concebidos como incluídos à dignidade do cidadão. A sociedade Pralathion em prol da conquista de condições que assegurassem o aumento desse padrão de vida de seu país, foram bem sucedidos e legaram as conquistas a seus filhos e netos. Esses são os países Escandinávia, nos quais hoje há problemas como desigualdade, desemprego, xenofobia e revisão dos direitos obtidos a duras penas. A ideologia do lucro próprio, fútil e o desinteresse pela sociedade justificam propostas políticas individualistas que culpam altos impostos e gastos do governo como causa da insatisfação das pessoas, muitas das quais desceram à condição de desempregados. O que será de um país que, privilegia a saúde e deixa os mais pobres à própria sorte? Não se relaciona a situação a isso?

No lado da Ecologia, redução e emissão de dióxido de carbono implica que se pelessa e que se revija o modelo de vida de países como Estados Unidos da América e China. Talvez a pressão surta efeito no longo prazo, pressão de conscientização da população entre o aumento do gás e o aquecimento global. Revisão que leva esses países, e os demais que também emitam, a pronunciarem a poluição e a poluição, a obtenção de lucros.

O campo econômico-social e a questão ecológica ilustram o resultado do embate dinâmico entre o princípio altruísta e o pensar a longo prazo versus a ação individualista e oportunista. O economista John Maynard Keynes disse que no longo prazo estamos todos mortos. Entretanto isso não isenta a geração atual de tomar as melhores iniciativas e esforços a fim de preservar a vida e preparar o consenso de gerações vindouras. Pensar a longo prazo, mais do que uma opção, é uma responsabilidade.

Individualismo X Solidariedade

A sociedade atual tem suas bases no modelo capitalista, que impõe uma visão egoísta e individualista do mundo, levando à fragilidade dos relacionamentos e à despreocupação com o outro. Entretanto, a natureza humana assegura o princípio da manutenção de nossa espécie a longo prazo, o que impede a extinção do altruísmo. Desse modo, devemos analisar criticamente as características da sociedade contemporânea e apontar exemplos que revelem a existência de um sentimento solidário para com o próximo.

Em primeiro lugar, nossa sociedade foi forjada segundo os ideais antropocêntricos e capitalistas do potencial individual e da meritocracia, em que os valores sociais são medidos pelo poder econômico. Nesse sentido, cresceu o consumismo, a ostentação e o descair para com quem não consegue se integrar plenamente à sociedade, como desempregados, desvalidos e miseráveis.

Esse processo, marcado por aspectos egoístas, gerou a "atomização social", ou seja, a reclusão e o afastamento das pessoas dos meios sociais ^{coais} convívios, além da superficialidade das relações que permanecem. Isso pode ser ilustrado pelo aumento de famílias compostas por apenas dois ou três integrantes e pela expansão das redes sociais, como o "facebook", que possibilitam relações impessoais e distanciadas.

Porém, o altruísmo ainda está presente na sociedade, devido ao instinto natural da preservação da espécie, que gera o sentimento de compaixão entre os semelhantes. Exemplos disso são o programa Médicos Sem Fronteiras, na África, em que indivíduos arriscam suas vidas em meio a guerras e epidemias em nome da melhoria das condições de vida de crianças flageladas pela fome, por doenças e por conflitos; e a atuação de Ongs, como o Aproxegge, nas favelas brasileiras, que levam a cultura e o conhecimento para que as gerações futuras tenham mais oportunidades dentro da sociedade.

O altruísmo e o pensamento a longo prazo, pois, apesar de desgastados pelas condições impostas pelo modelo social capitalista, como o individualismo, a impessoalidade e o egoísmo, ainda têm espaço no mundo contemporâneo. Isso pode ser afirmado ao identificarmos programas de inclusão social e assistencialismo, como o Médicos Sem Fronteiras e a atuação de Ongs, como o Aproxegge.

A expansão da cultura da individualidade

Os indivíduos são, em parte, moldados pelo momento histórico em que vivem. O capitalismo fortaleceu-se como sistema econômico e impôs-se sobre todas as esferas da vida, ditando, além de regras econômicas, um conjunto de valores e comportamentos que levaram à atomização dos indivíduos, ou seja, à propagação da cultura da individualidade.

Um aspecto da cultura atual tem diversas implicações. No âmbito da política, por exemplo, observamos a priorização de duas perspectivas: por um lado, a eleitoral. Os projetos de reformas estruturais, como nas áreas da educação e da saúde, são negligenciados devido à ausência de resultados imediatos. A política atual tem como característica marcante o desprezo ao bem comum e aos resultados de longo prazo.

Economicamente, observamos uma tendência à concentração de capital e de renda, pois há o objetivo primordial de maximização do lucro individual, e não a distribuição justa dos recursos visando o bem-estar social.

Na esfera das relações pessoais, há um afastamento nos laços entre os indivíduos, que, por cobranças externas, são levados ao egoísmo, visando exclusivamente o desenvolvimento pessoal, que será utilizado como vantagem no competitivo ambiente forjado por essa sociedade. As relações estão se transformando em instrumentos para se atingir determinadas finalidades.

Há ainda o campo ambiental. Muito se discute acerca da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável, mas ainda há muitas ocorrências de utilização abusiva dos recursos naturais, o que prejudicará gerações futuras.

Os indivíduos não se vêem mais como parte de um organismo social que necessita da colaboração conjunta de todos para funcionar perfeitamente. A solidariedade e o altruísmo surgem pontualmente numa massa de individualidades justapostas, mas encontram, nos valores individualistas correntes, barreiras para sua expansão.

O caminho delineado pela sociedade atual, baseado no egoísmo e no imediatismo, levará ao colapso de um mundo que não se sustentará. Faz-se necessária a criação de um corpo de valores, baseado na solidariedade, que façam com que os indivíduos harmonizem sua existência e desenvolvam uma visão de todo.

Ditadura Pessoal

Desde os primórdios da civilização humana, o homem tende ao egoísmo. Essa atitude, muitas vezes mascarada com ações supostamente coletivas, não será eradicaada do pensamento humano pois é da natureza dele preocupar apenas o benefício próprio. O altruísmo e o pensamento a longo prazo não têm espaço em nenhum momento da história da humanidade, inclusive no mundo contemporâneo.

O ser humano passou a viver com outros para aumentar suas chances de sobrevivência como indivíduo. Sem o apoio de outros, o fragil primata não sobreviveria. Por isso o sentimento de individualismo muitas vezes transforma-se em nacionalismo: o homem tende a lutar pelo ideal de nação quando seus interesses se encontram prejudicados. Podemos observar esse aspecto em todas as guerras. Os alemães elogiaram Hitler pois acreditaram que sua condição de vida melhoraria mesmo sabendo que isso envolvia o sacrifício de outras nações. Hoje em dia, tais ações são repulsivas pelo pensamento coletivo mas praticadas frequentemente. Como exemplo, empresas que cometiam grandes "crimes" ambientais sem considerar o impacto que isso causariam para gerações futuras passaram a praticar o "desenvolvimento sustentável". O verdadeiro motor que impulsiona tal coisa é a propaganda e a atração de consumidores preocupados com questões ambientais que essas políticas geram. O lucro é o único objetivo de todos. Essas ações refletem o egoísmo humano, que busca seus interesses sem considerar os interesses de quaisquer outros.

Por isso, ações como a de Roberto Burle Marx são documentadas e admiradas. O altruísmo é tão raro entre as pessoas que causa espanto e admiração. Mas, apesar de admiradas, tais ações são rapidamente esquecidas. Ações de longo prazo não são postas em prática pois os seres humanos não de curto prazo.

Em conclusão, as pessoas continuarão vivendo em busca de seus objetivos em detrimento do coletivo. Dependendo da moral da época, esse egoísmo pode ser mascarado com um pseudo-altruísmo mas continuará universal e atemporal.

O novo altruísmo

Apesar da atenuação dos elementos sociais que tradicionalmente o alimentavam, o altruísmo ainda participa das interações humanas na sociedade contemporânea, mas sob um inédito paradigma. Em vez de ser propulsionado por crenças ou valores, o novo altruísmo tem raízes predominantemente naturais.

Na estrutura social tradicional, os elementos fundamentais de promoção do altruísmo eram construções humanas, notadamente os credos. Na sociedade ocidental, as crenças judaico-cristãs promoviam compaixão e fraternidade. Na sociedade oriental, o Budismo, o Hinduísmo e as diversas crenças chinesas promoviam a solidariedade. Entretanto, com o cientificismo e a dinamicidade da cultura contemporânea, os valores tradicionais decaíram em influência e a estrutura social exigiu um novo eixo.

A dinâmica contemporânea é regida pelo retorno aos fatores naturais do ser humano. Herda-se a fundamentação filosófica do hedonismo, a exposição da origem animal e da insignificância do ser humano pela Biologia evolutiva e pelas imensidões da Astronomia e as conquistas dos movimentos pela liberdade social e sexual nos anos 60, abandonando a nobilidade do antropocentrismo renascentista e convergindo na exposição da banalidade humana, que permite a exploração das vontades naturais do homem com menor preocupação pelos valores tradicionais.

O altruísmo não é exclusivamente um "sacrifício" e possui origens naturais, portanto se encaixa na estrutura contemporânea. O zoólogo queniano C.R. Dawkins, da Universidade de Oxford, demonstrou em "O gene egoísta" que o altruísmo se manifesta em muitos animais que vivem em grupo porque a ajuda mútua traz benefícios evolutivos na seleção das espécies. O ser humano, derivado de primatas comunitários, herda um altruísmo instintivo e natural.

Mesmo com a decadência dos valores tradicionais, o altruísmo sempre estará presente nas interações entre os seres humanos porque pertence à natureza deles. O novo altruísmo é menos romântico, mas não necessariamente menos admirável; sob uma ótica aberta, a bondade que independe de intimidações sobrenaturais ou de valores artificiais pode parecer até mais virtuosa.

Altruismo Individual.

No mundo atual um dos grandes questionamentos que surgem é o de o quanto deixamos de ser coletivos para nos fecharmos e nos tornarmos mais individuais. De fato há um grande problema nesse presente, inclusive a raiz de tal problema seja a não percepção de que só se é possível criar um senso coletivo sólido quando o sentimento individual é devidamente apropriado pelas pessoas.

É certo que o altruismo e o pensamento a longo prazo são cada vez mais raras em nossa coletividade, que temos menos sobre isso nos jornais ou que ficamos estupefatos com uma demonstração de ombres em nossa retina, mas não é o individualismo que devemos condenar, pois este é tão fundamental quanto os sentimentos denominados "de bem", mas sim devemos rejeitar aquilo que criamos achando ser individualismo: o egoísmo.

Se a apropriação do sentimento individual não é se fechar para o mundo e pensar somente a si e em seu "egoísmo", a verdade é se descolocar como ser humano, descolocar o mundo através de si, buscando a si mesmo, o necessário para então entender a sociedade inteira. Ser egoísta é distorcer esse sentido, é entender-se mais que humano, mais que indivíduo, é ir ao sentido contrário do coletivo, buscando fora de si uma identidade.

Um exemplo clássico disso é o cidadão brasileiro que em meio a tantas culturas não consegue se identificar brasileiro, indivíduo nacional, busca culturas estrangeiras e assim perde o senso coletivo nacional, deixa de ser o homem cordial, movido pela emoção, altruísta como caracteriza Sérgio Buarqui de Hollanda.

É necessário se perder o receio de ser indivíduo, pois somente assim, em tal condição é que pode-se dar sentido ao altruísmo e ao sacrifício pela outra pessoa. O egoísta age por medo, faz boas ações porque o protocolo manda, já o indivíduo promove uma cultura onde a punição é um artifício, mas a verdadeira raiz da boa ação é o prazer de ajudar o semelhante.

Assim pensemos mais que tipo de indivíduos formamos, porque se formamos indivíduos e não coletivos, para que o mundo veja a ascensão do altruísmo, do amor ao próximo, para que concentremos o erro coletivo os repararmos o erro individual.

O Sonho Impossível

O Homem é um ser estritamente vocacionado ao Sonho. Incompleto e imperfeito, é dependente desta satisfação amatorial que já levou gerações a cruzarem os oceanos, descobrir novos planetas e a construir nações. Devido a sua razão, liberdade e incompletude o homem apenas consegue se realizar plenamente no sonho, no amor e na mística.

Entretanto ao lado dessa vocação humana de sonhar e vencer os barreiros do inimaginável, encontra-se também a aptidão da natureza humana de auto-preservação. Esse instinto humano levava os homens ao egoísmo. Em uma espécie de estado natural do Homem cada ser enquanto indivíduo utilizava os recursos de sua razão e liberdade para calcular os meios necessários para obtenção de seus fins particulares.

Orá, essa contrariedade do altruísmo sonhador e da preservação egoísta presente no espírito humano só encontra solução no pensamento do homem enquanto um ser coletivo. O Homem ao pensar em si mesmo deve imaginar não só os seus valores pessoais, mas sim os de toda a humanidade enquanto um único ser.

Uma única vida humana, isolada do conceito de humanidade, é demoradamente curta para que se desenvolvam todas as qualidades e potenciais submersos no espírito humano. Entretanto se considerados coletivamente e a longo prazo demonstram todas as maravilhas de que o ser humano é capaz.

Os homens não se isolam sozinho, mas sim em comunhão, e somente a comunhão dos homens a um objetivo comum, a um sonho em comum, levava ao progresso da humanidade. Ao contrário do último homem de Nietzsche, com suas preocupações egoístas e pontuais, a humanidade deve caminhar com a inocência potencial e altruísta do sonho impossível de Jam Quilote, batalhando e sacrificando-se em torno de um sonho comum em prol da evolução da Humanidade, gradual e constante.

Preocupação e Organização

A ideia de transmitir o legado de sua época às gerações seguintes é inerente ao homem civilizado. A racionalidade humana permitiu que houvesse transmissões de cultura entre as diversas gerações e a globalização fez com que houvesse uma comunicação entre as diversas populações, o que, por sua vez, confere ao homem um conjunto enorme de elementos históricos, linguísticos, políticos e culturais que permitem toda a organização social do mundo.

O altruísmo, enquanto característica humana, possibilita a convivência social que temos hoje. Tomando a análise para um âmbito menor de organização, como a família, é comum haver preocupações entre as gerações, o que fica evidente com a existência de meios criados para garantir a transmissão dos bens dos que falecem para os que permanecem vivos, por exemplo.

Parando para uma esfera mais abrangente de organização, o Estado tem que ser organizado com a preocupação de manter sua estrutura e sua estrutura para as futuras gerações. Um exemplo disso é o sistema previdenciário, que arrecada do trabalhador de hoje para garantir a aposentadoria do que trabalhar ontem. O Estado ainda tem a possibilidade de investir hoje em setores que terão bom desenvolvimento, mesmo que apenas mostrarem resultados no futuro.

Ainda podemos perceber esse altruísmo no cenário internacional, mais recentemente, com as demonstrações de preocupação com o meio ambiente e a responsabilidade integracional, presentes em parte em diversos órgãos internacionais do mundo atual.

Além disso, temos a arte, a literatura, o desenvolvimento da medicina, das tecnologias, o cinema, etc., que, por si só, já demonstram esse caráter altruísta e o pensamento a longo prazo da sociedade humana como um todo.

O que que, a realidade dos acontecimentos, propicia ao mundo atual globalizado, fez com que também sintamos um apelo a medidas semelhantes e um direcionamento na organização de uma sociedade justa e sustentável. Isso fica evidente quando não são investidos recursos em setores que não têm resultados imediatos ou quando permitimos a destruição do meio ambiente.

Deixar, se o altruísmo e o pensamento a longo prazo são inerentes ao homem, tanto que ele se esforça de criar diversos mecanismos para garantir uma característica, o que não pode acontecer é a desorganização da sociedade, também característica do homem, superar uma capacidade de prever o futuro e de se preocupar com ele, mesmo que ele ainda não exista no mundo.

Redescobrimos a prazente arte de ver com a coração

Hodiernamente, deparamo-nos com uma inversão de valores em nossa sociedade que transmite-nos, se sob uma análise superficial e ligeira, a percepção de que valores como sacrifício, altruísmo, amor ao próximo encontram-se em total desuso. Mas, se observarmos mais acuradamente, perceberemos que, muito mais do que imaginamos, esses valores se fazem presentes em nossas trajetórias de vida.

No mundo contemporâneo no qual nos inserimos, submersos nesse oceano ~~em~~ encapsulado de ondas de velocidades e insignificâncias, somos levados, sutilmente, a ver que valores formadores de nosso caráter, não nos são necessários.

Bombardados, ininterruptamente, por idéias avessas à reflexão, pensamentos de longo prazo, somos levados a imaginar que, para que tenhamos sucesso, em um mundo cada vez mais competitivo, onde disputas acirram-se e nos exigem cada vez mais, que necessitamos nos fechar, em um universo próprio, buscando tão somente aquilo que nos compete, esquecendo-nos que são esses valores que nos tornam seres melhores.

É fundamental que percebamos que, embora atitudes de sacrifício, amor ao próximo, altruísmo não ganhem os holofotes do mundo, em grande parte adocorada e óbvia sob os efeitos da materialidade reinante e dominadora, eles se fazem presentes, mais do que imaginamos, desde o momento da construção de nossas personalidades.

Os mais contundentes exemplos podem ser vistos no amor das mães para com seus filhos, nos soldados, que se sacrificam por seus pátrias, por seus ideais, para a construção de mundos melhores que, por vezes, eles próprios já não mais os veem. Sacrifícios silenciosos ~~tem~~ têm sido em peenidos, que arrastam multidões à procura de um mundo melhor, para todos, onde valores intrínsecos à humanidade reinem, soberanos, alçando-nos à condição de seres verdadeiramente superiores, não somente no que tange à técnica à nossa disposição mas, sobretudo, à moralidade, onde irmãos se regem efetivamente como tais.

Precisamos, antes de tudo, reconhecermos que a fauna da disseminação desses valores se encontram em nossas mãos e, desta forma, promovemos, nosso contributo à criação de uma sociedade onde, altruísmo, amor não sejam somente palavras que nos parecem distantes.

Vantagens a longo prazo

Embora pareça paradoxal, a regulação das relações sociais resultante do grande desenvolvimento científico e cultural é compreensível: quanto mais avançada e poderosa o meio, mais individualistas tornam-se seus membros, com interações cada vez mais artificiais e mediadas por vantagens particulares. Não há mais constantes atitudes altruístas ou considerações coletivas a longo prazo; contudo, por serem vitais para evitar colapsos sociais, é imprescindível e possível - re-estabelecê-las sob perspectivas individuais que acarretam contingentes benefícios para todos os envolvidos.

Por um facanado ao longo da história, as manifestações coletivas de luta por ideais de melhoria da vida coletiva cederam espaço para a convivência restrita com egoísmos e concorrentes aspirações a prestígio e superioridades. Nesse caso unilateral, não é a sociedade a responsável pela corrupção de sentimentos humanos, e sim o próprio homem que revêla seus males: na competição pela melhor sobrevivência, o instinto da preocupação com o outro ^{meio} ~~meio~~ ^{meio} ~~meio~~ é bastante desvantajoso perante possibilidade de vencer sozinho. Na verdade, a sobreposição do instinto privado ao público é mais natural que a tendência natural do altruísmo - o que o fez se restringir ao sinônimo de extrema (e rara) bondade, comumente relacionado à personalidades do passado, como Gandhi, Madre Tereza ou Patric Adams. Na atualidade, se já não tem sido efetiva a atenção e responsabilidade pelo coletivo, dificilmente o será pelo desconhecido.

Apesar disso, existem manifestações altruístas válidas ^{emergentes} - ainda que afetadas por vantagens particulares. Primeiramente, porque não é real a possibilidade de vencer sozinho ~~o~~ - receber solidariedade sem dá-la. Além, a sociedade entraria em colapso se aspiras houvesse interesses unitaristas para movê-la; sentimentos alheios ao egoísmo são importantes no estímulo ao ~~seu~~ caráter altruísta: fortes amizades, uniões familiares e até benefícios profissionais deixam a competição social mais humana, suscetível à necessidade da atuação do outro e, por consequência, do bem-estar do mesmo. Por fim, embora difícil, é necessária a renúncia, o sacrifício, mesmo que em prol de um pequeno grupo particular: para um mundo saturado de superficialidades interpessoais, qualquer atitude que remete ao plural é mais benéfica para cada indivíduo.

Portanto, Assim, há lugar para o altruísmo e para o pensamento a longo prazo no mundo contemporâneo se atrelado a sentimentos externos de caráter e vantagens explícitas. Afinal, por mais que seja seu próprio "lobo", o mais paradoxal ao homem é a cegueira de insistir em viver (e vencer) sozinho em sociedade.

© Redação - FUVEST 2011

Para depois

Segundo o materialismo histórico, a maneira como se organiza o sistema produtivo determina as outras estruturas e relações da sociedade. Assim, a adoção do capitalismo, pautado pelo máximo lucro, fez nascer inúmeros colhos de Lewis Carroll que, repetindo "Estou atarracado!", mostram-se extremamente adotados, egocêntricos e imediatistas.

Um dos princípios do capitalismo se baseia no consumismo. A sociedade atual, produzindo um volume cada vez maior de lixo, mostra-se adepta fervereira dessa lógica. Preocupando-se apenas com a atualidade de sua última aquisição, que sempre será desafiada, compra sistematicamente. Esquece-se das consequências ambientais e sociais que em um futuro próximo se distantes não são inevitáveis.

Esse descompromisso com a realidade que nos cerca mostra o quanto alienados e egocêntricos podemos ser. A compra desenfreada de objetos inúteis para satisfazer necessidades desnecessárias nega uma característica intrínseca à maioria dos seres vivos: o comprometimento com o outro. Preocupamo-nos com qual será a próxima bolsa da nossa coleção enquanto negamos a existência da fome e de crises democráticas. As relações familiares também se alteram. Abortos e abandonos de filhos e idosos passam a ser mais frequentes em uma sociedade que prioriza o "eu".

Grande parte dos problemas que regamos possuem uma resolução demorada. Somos imediatistas e, portanto, queremos rápidas e evidentes soluções. Governos não realizam obras de grande visibilidade porque, caso contrário, não são chamados de incompetentes. Cultivamos somente aquilo de que podemos usufruir em vida, sem preocupações com a geração futura e seus possíveis ganhos.

Assim, a máxima "Estou atarracado!" parece sintetizar a sociedade contemporânea. Do mesmo modo que o colho se mostra alheio às necessidades e problemas de Alice, preocupado consigo e com as relações que estabelece com o tempo presente, nós o somos. Adequamo-nos de tal forma ao sistema produtivo vigente que perdemos nossas características intrínsecas. O outro e o longo prazo ficam para depois.

Fragil, Superficial, Efêmero

O mundo contemporâneo é fortemente caracterizado pelo individualismo exacerbado. Tal característica é um claro reflexo da economia capitalista sobre a cultura e sobre o pensamento dos indivíduos, conforme propunha Karl Marx. Indiscutivelmente, a competitividade e o pragmatismo que vivam ao enriquecimento e à ascensão social, enfraquecem os sentimentos de coletividade e dificultam a existência de solidariedade entre os indivíduos, impondo desafios à transformação da sociedade em prol do bem-estar comum.

O enfraquecimento dos sentimentos de coletividade pela adoção de valores como competitividade e pragmatismo ocorre porque, enquanto o primeiro valor incita os indivíduos a se preocuparem unicamente com o próprio bem-estar material e espiritual, o segundo valor incita-os a se dedicarem unicamente a atividades que possam lhes proporcionar vantagens - e, preferencialmente, a curto prazo. Em virtude disso, atitudes que exigem preocupações com o próximo ou com as gerações futuras tornam-se cada vez mais raras.

Em decorrência da diminuição da solidariedade entre os indivíduos, os relacionamentos interpessoais adquirem caráter cada vez mais frágil, superficial e efêmero. Também em virtude dessa reduzida preocupação com a coletividade, costumes entendem-se os valores "frágil, superficial e efêmero" na esfera íntima da vida pessoal e da vida pública. Promessas políticas, por exemplo, tornam-se mais vazias de significado à medida que diminui o engajamento da classe política, que adia a construção de um país onde sejam minuídas as desigualdades sociais e maiores as oportunidades. Promessas transformam-se em palavras fráguas, superficiais e efêmeras, que visam a seduzir o eleitorado mas não expressam intenção de mudança na estrutura do país, as quais esboçariam metas de longo prazo e não poderiam ser utilizadas para fins eleitorais de modo eficaz.

Fragil, superficial e efêmero é também o discurso da maioria dos indivíduos, que alega estar insatisfeita com os rumos da política nacional porém se absteém de fiscalizar políticos eleitos. Frágil, superficial e efêmero é, igualmente, o discurso ambientalista de muitas pessoas e de muitas instituições que propagam o ideal de preservação do meio ambiente apenas para usufruir do prestígio social proporcionado por ele. Frágil, superficial e efêmero são as atitudes corriqueiras perante os muitos problemas ou vítimas de epidemias ou de desastres naturais que, apesar de serem tratados, pouco ou quase nada é realizado com a finalidade de erradicar definitivamente o problema - pois esse envolvimento com uma meta a longo prazo.

Em suma, estão fráguas, superficiais e efêmeras as posturas assumidas por indivíduos e por instituições, por tanto tempo quanto perdure a competitividade e o pragmatismo. Entretanto, é possível que os indivíduos assumam uma postura, de fato, altruísta e mais engajada a metas de longo prazo, bastando para isso que, por meio do senso crítico e da liberdade, rejeitem os valores impostos pelo sistema vigente.

Liquificação Social

Em sua obra "Modernidade líquida", o sociólogo Bauman retrata o enfraquecimento do tecido social e suas consequências no âmbito dos relacionamentos humanos através da metáfora da liquificação das relações interpessoais, da subjetividade e da liberdade do indivíduo. Tudo derrete-se inexoravelmente, tornando, paradoxalmente, a amfibiabilidade dos estados líquidos. Analisando esse contexto atrelado à conjuntura atual, nota-se que, assim como é descrito pelo pensador polonês, as relações sociais tornam-se cada vez mais líquidas. Gradativamente prevalecem valores como o egoísmo, em detrimento de outros como a solidariedade.

O neoliberalismo trouxe consigo uma cultura moral baseada no pragmatismo, no utilitarismo e na lucratividade. Aquelas capazes de encaixar-se nesses valores não raramente são mais reconhecidas e aceitas dentro da sociedade. Ademais, atitudes que visam ao bem estar coletivo raramente são valorizadas, exceto quando são consideradas úteis, capazes de gerar lucro a curto ou a longo prazo.

Essa constante busca por reconhecimento e inserção, bem como o crescente utilitarismo, tornam o homem um ser cada vez mais egocêntrico e competitivo, distante de valores subjetivos capazes de fazê-lo enxergar o outro e reconhecer-se nele. Dessa forma, faz-se referência à competitividade não ~~total~~ raramente encontrada não só no ambiente de trabalho, como também na própria sociedade. Muitas pessoas, sem pensar no próximo, utilizam-se desse ^{um} "de" ~~de~~ em busca da ascensão social e profissional.

Segundo o pensador clássico Aristóteles, o "Sumo Bem", a ética aristotélica, é aquilo que todos desejam. O bem-estar social virtuoso é, dessa forma, ético. Faz-se mister, portanto, um pouco mais de sabedoria ao homem para que fofo, de tempos em tempos, uma reflexão pessoal. Contrapõe e descontração, sístole e diástole, no sentido de reavaliar quais valores prevalecem em sua traversão. Despeja-se do egoísmo, resgatando a noção de alteridade e pensando nas consequências de suas ações, são atitudes essenciais para garantir o bem estar social e trazer mais humanitarismo e solidariedade para com a vida.

Sustentabilidade Conjunta

Evidência - se, cada vez, mais, o imediatismo do mundo atual, através da rápida difusão de informações, rápido desenvolvimento tecnológico, etc, o que se reflete no modo de pensar. Adicionando esse, ao fato de vivermos em um sistema que influencia o crescimento individual, o pensamento conjunto, altruísta e a longo prazo, é dificultado, confrontando o próprio conceito de desenvolvimento sustentável, o que, teoricamente, é o que almeja a sociedade atual.

Utilizar os recursos naturais de maneira sustentável, consciente, a fim de que as necessidades das gerações futuras possam ser supridas é parte do que diz o conceito de desenvolvimento sustentável. O que implica no sacrifício que a sociedade contemporânea teria de fazer, de modificar, em certa medida, o seu modo de vida em prol da viabilidade da continuidade de sua própria espécie. É uma pena que esse sacrifício seja demais para grande parte da sociedade, que se prende a um pensamento individualista e momentâneo. O que é exemplificado, no Brasil, por medidas políticas, como a polêmica transposição do Rio São Francisco, a ser realizada de maneira a trazer resultados econômicos rápidos, dessa forma, ignorando diversos impactos ambientais que, certamente, trarão danos futuros graves e ~~podiam~~ ~~serem~~, que poderiam ser evitados através de planejamento.

Vivemos sob o estímulo da competição, que nos faz valorizar apenas o sucesso individual, desenvolvendo a ambição no ser humano para que o próprio sistema seja sustentado. As consequências são graves prejuízos ao pensamento conjunto, ao altruísmo, demonstrado na própria escolha e direcionamento da carreira que, para muitos jovens, se baseia apenas no crescimento financeiro pessoal. Diversas vezes, as práticas altruístas não são observadas sob nenhum aspecto da vida dos indivíduos, exatamente por ficarem sempre em segundo plano.

Já que o estímulo ao pensamento conjunto, ligado ao altruísmo e ao pensamento a longo prazo, não vem de fora, que ele possa vir de dentro de nós. Assim, para que se torne possível o aprendizado da valorização da presença de cada ser humano e de cada ser vivo na Terra, controlando o egoísmo, que parece ser inerente ao homem e atingindo, com dignidade e precisão, o desenvolvimento sustentável.

Perspectivas

Um dos maiores problemas do mundo contemporâneo é a questão do comportamento acerca das intuições sociais. Muitos indivíduos optam pelo individualismo, cujo essência é a preocupação egoísta consigo próprio. Outros, no entanto, revelam a notável intuição de se preocupar com o próximo. Nesse contexto, torna-se relevante saber em que medida a preocupação social permeia a sociedade presente.

O fato de ser inerente ao Sistema Capitalista a competitividade social é o principal argumento daqueles que relegam o restante da sociedade ao segundo plano, em relação a si próprios. Essas pessoas veem o mundo como um espaço exclusivo para trocas de favores, em que nada deve ser feito a alguém se nada tiver sido feito para eles previamente. Desse modo, mostram-se incapazes a perceber que suas relações humanas tornam-se frias e superficiais. Promover ações sociais, pensando no futuro, é imperativo para que um sentimento de orfandade não permeie o convívio humano. Em uma sociedade unida, há melhor relacionamento entre os integrantes, fazendo com que menos conflitos, como os presentes nos noticiários atuais, sejam gerados.

Nesse sentido inteligentemente visionário, emergem aos humanos verdadeiramente engajados, do ponto de vista social, cujo campo ~~está~~ em um futuro melhor se sabe concretizado em suas obras. O paisagista Roberto Burle Marx plantou palmeiras exóticas no Rio de Janeiro, ciente de que não vivevia para ver o esplendor espetacular de suas florestas, mas satisfeito com a ideia de que outras contem plariam o evento. A sanitarista Zilda Arns lutou, até o fim de sua vida, por melhores condições de habitação, saúde e recursos aos mais necessitados. Infelizmente, pessoas como elas são poucas nos dias atuais, mas conseguimos elencar exemplos a serem seguidos e não temos de que o altruísmo ainda existe.

O Capitalismo gera uma sociedade de formado, no qual a preocupação social é, se não rechaçada, quase esquecida. Felizmente, ainda existem exemplos, poucos, mas significativos, que mostram seu o caminho altruísta o mais sólido para a criação de uma convivência humana mais confortável. É sobre eles que a sociedade deve refletir, o fim de que, no futuro, essas exceções se tornem regras.

Plantas e nós colhem

Vivemos na chamada sociedade contemporânea, onde nossos valores socioeconômicos propendem à valorização da competitividade e do individualismo. Nesse meio, o altruísmo e o pensamento a longo prazo são consideradas atitudes retrógradas, de um mundo que deixou de existir. Entretanto, é possível ainda reconciliarmos essas preocupações com o outro, bem como realignarmos atitudes que, não necessariamente, são colhidas por nós mesmos. E não precisamos abdicar da parte de nossa competitividade para isso.

Atitudes como a do paisagista Roberto Burle Marx são consideradas arcaicas nos dias de hoje. Nosso nacionalismo fútil e decimoniano tem nos levado a ponderar apenas a respeito das possíveis vantagens e retornos que poderemos obter ao realignarmos determinada atividade, e tal ponderação entra em choque com nossos senos de solidariedade, do pensar no outro, infim, do coletivismo - com prejuízo para esse último, que são precários para um segundo plano.

Nossa atual estrutura econômico - produtiva valoriza o individualismo e a competitividade, isto é, "enquanto penso no outro, deixo de pensar em mim". Um exemplo bastante próximo e atual de tal ideologia é a poluição do meio ambiente. Apesar de que algumas de suas consequências serão sentidas ainda muito depois, são as próximas que sofrerão os maiores problemas. É exatamente nossa falta de pensar no outro que se faz a grande parte de nossos erros.

Mas há esperança. É possível, ainda hoje, invertarmos nossos conceitos de valores e passarmos a realizar ações em benefício de nossa sociedade. Destaca-se aí a importância e constante ascensão do chamado Terceiro Setor, composto por instituições filantrópicas, que visam conciliar a população e promover diversas atividades sem fins lucrativos, simplesmente por amor à comunidade, pela valorização do altruísmo e do pensar a longo prazo.

A exemplo dessas instituições, podemos também realizar ações que beneficiam o outro, e que, não necessariamente, tenham algum retorno para nós. Ações que tenham efeitos somente a longo prazo, mesmo se já não estivermos aqui para presenciar-las. E há infinitas possibilidades de ações, que variam desde a ajudarmos um idoso a atravessar a rua até a criarmos também nossos próprios institutos.

Assim, ainda que vivemos numa sociedade extremamente competitiva, estruturada em um agressivo capitalismo, podemos sim passar a realizar atitudes altruístas, cujos efeitos serão refletidos a longo prazo e que não tenham nenhum benefício próprio, mas que beneficiem o outro e nossa sociedade como um todo. Para isso, basta que mudemos nossos atuais valores, percebendo que podemos plantar e deixar que outros colham os resultados, sem precisarmos abrir mão de nossa competitividade e ansios por comércio.

Novas necessidades - altruísmo e vida coletiva

Com a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, houve o desenvolvimento tecnológico, que facilitou o acesso a inúmeras informações e reforçou as necessidades por profissionais muito mais atualizados e capacitados a diferenciar dados relevantes dos de pouca importância. Seus requisitos acirram a competição por melhores cargos e exigiram períodos mais extensos de estudo, criando uma sociedade introspectiva, voltada para si mesma, e veloz, cada vez mais ocupada. O foco, agora, tornou-se o indivíduo e seu objetivo principal, enriquecer, visando, futuramente, a uma vida melhor. Os pensamentos individualistas a longo prazo ganharam destaque, enquanto o altruísmo perde a sua força.

Uma das consequências da falta de uma visão altruísta foi o distanciamento crescente entre as pessoas e as nações, provocada, principalmente, pela escassa comunicação e pela ambição desmedida, tanto no âmbito pessoal como internacional. Historicamente, nunca houve um período diplomático tão conturbado como o atual, no qual as guerras se transformaram-se em um poderoso instrumento para negociações. As explosões tomaram o lugar dos diálogos. Um forte exemplo disso são os conflitos que envolvem a luta entre israelenses e palestinos, no Oriente Médio, em que os atos terroristas do Hamas impedem qualquer diálogo. O mesmo ocorre em outros países como o Sudão e a Nigéria, no qual a disputa por territórios economicamente estratégicos inibe a possibilidade de se estabelecer acordos de paz. Um pensamento coletivo a longo prazo, nesse caso, levaria em consideração as perdas materiais, como a vida humana, perdidas na guerra.

No entanto, a base social desses países, constituída pela população, também está fragmentada. Os relacionamentos foram afetados com o individualismo. O pensamento centrado no indivíduo promoveu o desenvolvimento de relações cada vez mais superficiais, visando o interesse mútuo. Isso, ao mesmo tempo em que determinou uma sociedade mais focada no futuro, fez com que ela ficasse mais vazia e infeliz. Seus sentimentos provim da sensação de solidão provocada pela efemeridade das falsas amizades estabelecidas. O homem, por natureza, necessita do convívio social para atribuir um real sentido a sua existência. Por meio de uma visão coletiva a longo prazo, associada ao desejo de bem estar social comum, tal objetivo pode ser conquistado.

Para haver uma mudança no cenário caótico mundial, uma transformação inicial terá de ocorrer no interior de cada pessoa, através da conscientização de seu papel na sociedade. Essa conscientização se baseará em uma visão altruísta e na necessidade humana de se relacionar e existir. O pensamento coletivo a longo prazo será a base para a mobilização social. Isso por meio o poder de orientar a política de seu país.

A SOCIEDADE PRIMORDIAL CONTEMPORÂNEA

O individualismo, segundo o biólogo evolucionista Richard Dawkins em seu livro "O gene egoísta", foi essencial para que o homem, assim como qualquer outro animal, chegasse ao seu atual patamar evolutivo, já que o egoísmo é uma qualidade vital para a sobrevivência de qualquer indivíduo em um ambiente em que impulsiona a competição por recursos naturais. Dessa forma, é possível concluir que a organização social humana sofre influência desse fator inerente ao homem. O próprio sistema capitalista, hoje quase onipresente em todo o mundo, pode ser considerado a concretização do egoísmo que permeia as relações sociais.

A competição e o imediatismo, que hoje são absolutos no capitalismo, já foram instituídos na sociedade a tal ponto que eles passaram do plano profissional para o das relações sociais. Dessa forma, praticamente qualquer ação de uma pessoa é baseada na lógica de mercado. Amizades são mantidas a partir de uma espécie de relação custo/benefício, e mesmo a família é vista como uma forma de ostentação de riqueza. Configura-se, assim, uma teia social mantida por frágeis elos egoístas, ao invés de relações que visam o bem comum.

Observa-se, então, uma realidade onde as ações altruístas, que abrigavam não o bem individual, mas o ~~ser~~ coletivo, estão se tornando cada vez mais raras. Hoje, o ideal capitalista faz com que sejam consideradas utópicas as experiências sociais do século XIX, como as de Owen e Fourier, que viraram comunidades de operários que eram instituídas a trabalhar sempre pelo bem comum, e não individual. Segundo tal raciocínio contemporâneo, é possível, então, classificar a atual sociedade como uma distopia, em que o bem da comunidade é supérfluo quando comparado ao bem individual.

Dessa forma, é possível concluir que a partir do momento em que a espécie humana passou a se organizar de forma social, o egoísmo deveria ter embaquecido em benefício de toda uma população. Tal característica, entretanto, ainda permeia a ~~condição~~ ^{mente} humana, fazendo com que o pensamento a longo prazo seja visto como ineficiente. Forma-se, portanto, um cenário em que o homem se rende ao seu primordial, ao seu gene egoísta, em detrimento de uma organização social estável, em que o destino de uma pessoa é condicionado pelas ações ~~de~~ de outros indivíduos, além de suas próprias.

Individualismo predominante.

No livro "A Revolução dos Bichos", de George Orwell, o cavalo Sansão abdica da própria saúde para trabalhar na construção de um moineiro que beneficiaria a comunidade. No entanto, o peso da idade e de seu frágil pulmão debilitaram-no, e ele foi entregue ao matadouro pelas setas porcos. Tal metáfora ilustra ~~o~~ o abandono não só das autoridades, como também da sociedade em geral frente aos sacrifícios feitos em prol da coletividade. Portanto, o abandono de altruísmo na idade contemporânea tem sua origem na inversão de valores trazida pelas ideias capitalistas.

De acordo com Zygmunt Bauman, a modernidade caracteriza-se como "líquida" por ser marcada pela incerteza de pensamentos diante de intenso fluxo de informações do mundo globalizado. Tal instabilidade cuja condição para o desenvolvimento do individualismo pois ela traz insegurança aos indivíduos, que, por sua vez, buscam estabilidade ao adaptarem-se às mudanças do meio, cada um de acordo com seus próprios interesses. Por isso, a escassez de pensamento e longo prazo implica a liquidez da sociedade, cujos membros são regidos pela desconexão do sentimento coletivo, bem como pela ausência de reconhecimento do esforço alheio.

A superficialidade nas relações contemporâneas é reforçada pela banalização do princípio de igualdade defendido pelos iluministas. Com a ascensão do capitalismo, houve a criação de uma sociedade hedonista caracterizada não só pela desigualdade social, como também pelo consumismo desenfreado. A luta constante pelo acúmulo de bens materiais passou a comandar a vida dos seres humanos, que competem entre si visando apenas ao benefício particular em detrimento da melhoria das condições públicas. Consequentemente, a implantação de projetos sociais que propõem uma melhor distribuição de renda está cada vez mais distante, pois o altruísmo e a busca pela igualdade não atendem os valores individualistas dos elites.

Assim como o do cavalo Sansão, que sacrificou a própria vida para que os outros pudessem viver melhor, são ~~este~~ ~~os~~ ~~casos~~ ~~os~~ ~~casos~~ ~~os~~ ~~casos~~. Em uma sociedade regida pelos interesses políticos e econômicos, não há espaço para o altruísmo e a coletividade, pois o próprio sistema capitalista estimula a competição entre indivíduos. Por isso, é impensável o regate de princípios como a igualdade e a luta contra a inversão de valores, para que as relações deixem de ser "líquidas".

"Indivíduo e imediato: imperativos do status quo"

Individualismo e imediato tornaram-se imperativos na sociedade contemporânea. Ao passo que o coletivo cede lugar ao particular, o duradouro perde espaço para o efêmero. Tais acontecimentos são frutos de uma ordem vigente que, em detrimento da inovação e da solidariedade, elevou as relações contratuais, marcadas pelo capital e pela superficialidade.

Sob a égida do capital, portanto, há um seleto grupo, senão um indivíduo apenas. Nesse contexto, é evidente que o individualismo tende a preponderar. Valores como o altruísmo, cuja significação já era restrita, tem seu sentido esvaziado. O próximo passa a ser somente o outro.

Desse modo, é possível entender a dificuldade de muitos em compreender a proposta de Roberto Burle Marx, uma vez que suas palmeiras florescem ~~uma só vez~~ uma só vez a cada cinquenta anos e, por isso, não havendo sentido em plantá-las. Ora, ainda que Burle Marx morresse antes de as ver florescendo, outras o fariam. Tal atitude é altruísta e elucidada bem seu significado: a capacidade de ver-se no outro e se preocupar com ele. Sem essa percepção de humanidade compartilhada, traçar destinos comuns a todos torna-se quase que impossível.

Nesse sentido, pode-se ^{ver} que tanto o pensamento a longo prazo, quanto o altruísmo, perderam espaço na vida moderna. O "eu", símbolo máximo, ao lado de capital, da ^{contemporaneidade} ~~sociedade~~ ~~capitalista~~ convergiu para si todas as atenções e, ao fazê-lo, relegou ao comum, ao compartilhado a obscuridade.

No entanto, ainda que o "status quo" determine uma sociedade individualista, seria leviano afirmar que todos aderiram a sua lógica. Após séculos, movimentos estudantis e até mesmo greves que exigem o direito do trabalhador, são exceções à ordem. Ainda que em menor número ^{de atos} isolados, em algumas regiões aqui no Brasil que pensadores chamaram de cultura do sacrifício. Para ^{alguns} indivíduos a vida compreende além de si próprios e que vivê-la é viver para outros também. Fora da lógica determinada pelo capital, ^{exclusivamente} ~~travam-se~~ relações reais, nas quais o individualismo extremo não é presente e, por isso, não as torna frágeis e superficiais. Além disso, os resultados que buscam não tem seus efeitos restritos ao momento presente; afinal um direito conquistado contemplará inúmeras gerações.

Todavia, sua origem, embora ideal, espere uma mudança de paradigma. A cultura do indivíduo e do imediato está no cerne da sociedade contemporânea; ironicamente, qualquer mudança só virá a longo prazo. O ciclo de vida da "palma telipot", se reproduzido, ^{quando} ~~quando~~ as devidas proporções, por um homem, este viria antes visto como um insensato do que como um mártir, cujas ^{suas} ~~suas~~ ações são dignas e notórias.

○ Homem não é uma ilha.

○ conceito de uma sociedade alienada no capitalismo e no individualismo, apesar de ser a base da moda econômica então vigente, não pode ser generalizada. Ao longo da história, filósofos, intelectuais, cientistas e a própria população se esquivam no sentido de não aderir em prol do bem comum no âmbito social, econômico e, mais recentemente, ambiental.

Na Idade Média, os camponeses cultivavam seus gêneros alimentícios coletivamente nos propriedades dos senhores feudais. Com o advento da Revolução Comercial ou Burguesa, na Inglaterra, os terras passaram a ser cercadas e o cultivo, dirigido aos lucros para comercialização. A partir daí, foi colocada a ideia de propriedade privada dos meios de produção, em oposição aos socialistas marxistas. Com o advento da Revolução Industrial, intensificou-se a privação em detrimento do coletivo. Nesse contexto de dor com a situação dos oprimidos, surgem os seus nacionalistas de Marx e Engels, buscando de alguma modo reduzir as disparidades socioeconômicas. A escola literária realista-naturalista retrata com fidelidade as condições populares marcadas pela miséria. Lutas por direitos iguais ficam feias. A despeito do pensamento autônomo e aguçado de sua época, continuam vozes que clamam pelo bem geral.

Na esfera política-econômica, o senso de altruísmo se foge novamente à própria existência e manutenção da máquina pública. Há corrupção no funcionamento do Estado, mas não cabe a ninguém, individualmente, fazer justiça por si e apelar para a renúncia de impostos, por exemplo. Isso prejudica a sociedade como um todo e dificulta o progresso do país.

A questão ambiental, por sua vez, sofre de maneira explícita o engajamento e o pensamento a longo prazo da população. Com a constatação do aquecimento global, toda a comunidade internacional se mobilizou em busca de alternativas energéticas que substituam os combustíveis fósseis, buscou a preservação e a redução de gases-estufa. A Comissão adquiriu escala global, acelerando a consciência da finitude do ambiente e do homem ante a escassez de recursos naturais, e a busca de meios de comércio- livre para os gêneros futuros.

○ Homem não é uma ilha. É parte integrante de um todo, de uma coletividade. Ao longo da história, homens que se ocuparam em favor do bem geral, além de seus próprios interesses, garantiram o bem-estar da população que o suceder. A cidadania e os princípios éticos de altruísmo fazem com que a sociedade funcione bem no aspecto político-social. As preocupações ambientais oportunizam a adoção de medidas que viabilizam o futuro dos gêneros. E perpetua-se a espécie humana.

Necessidade de mudança.

No mundo contemporâneo, o altruísmo deixou de ser praticado e abriu espaço para a ascensão do individualismo. Lega pela ambição a sociedade se corrompeu e, conseqüentemente, desmoronou o processo que resultou na crise de valores. Hoje, os valores morais, culturais e espirituais são substituídos pelos valores materiais, o que torna as relações sociais frágeis e superfúas, além de reduzir o homem - antes metafísico - à condição retonômica.

A pós-modernidade, caracterizada pelo ápice do egoísmo em detrimento dos princípios éticos, provocou a fragmentação da sociedade. Os interesses pessoais prevalecem sobre o bem comum, o "meu" se sobrepõe ao "noso" e a preocupação com o outro é transferida para segundo plano. Não por acaso, no Brasil, tiveram-se as injustiças sociais, a corrupção, as políticas neoliberais e o autoritarismo social, explicitando a ~~definição~~ indiferença em relação ao "outro".

A solidariedade e o sentimento de irmandade não conseguem conviver com o sistema capitalista, porquanto são elementos de naturezas opostas. Enquanto os primeiros se pautam no benefício de todos, o segundo prega a constante busca pelo lucro, que implica a riqueza de poucos e a pobreza de muitos. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico é capaz de garantir conforto e qualidade de vida à população mundial, entretanto, na prática, observa-se o aumento e a intensificação das desigualdades sócio-econômicas.

O pensamento a longo prazo e o altruísmo, portanto, estão perdendo lugar no mundo contemporâneo. Hoje, a alma que olha de fora já não importa e o assassinato dela aponta para a insustentabilidade do capitalismo e para a necessidade de mudança. A cultura da individualidade e a indiferença em relação ao outro aceleraram o fim da história da humanidade, que segundo Hobbeson, terminou no século XX, quando o homem demonstrou o seu poder genocídico, que simboliza o auge do egoísmo, da ambição e da sede pelo poder.

O caminho da caixa maldita

Em um ato impensado, Pedro, ao abrir uma caixa, liberou sobre o mundo todos os males. Em meio a guerras, fome e poluição, a humanidade para sempre se esqueceu do amor ao próximo e da preocupação com seus filhos. Hoje, mais do que nunca, o homem moderno, ébrio em seu culto de hedonismo, individualismo e suposta liberdade, trilha o caminho da indiferença. Contudo, em meio a nossas ilustres distorções e populações miseráveis, ainda brilha a esperança que fugiu fugiu pelos frestas do Espino de Pandora.

Desde seus primórdios, a humanidade andou sobre a tênue linha do falso altruísmo e da auto-destruição. Na Idade Média, a Igreja Católica, com suas pregações sobre boas ações, promoveu muitas mortes com as Cruzadas. O Revolucionário Francês, que prometia a igualdade entre os homens, seguiu-se o período do Terror e a perseguição. Hoje, em meio às promessas de prosperidade e harmonia, a devastação inconsequente do planeta condensa os graves futuros.

Alguns exemplos de abnegação e altruísmo, contudo, nos lembram da esperança de mudar nossa atual situação. Na Índia, Gandhi lutou pela liberdade por meio da não-agressão, da negação à violência. Martin Luther King sonhou, nos Estados Unidos, por um mundo sem distinções de raça e cor. Se hoje desbotamos nossas flores por ganhos efêmeros, o paisagista Roberto Burle Marx um dia plantou as sementes cujos frutos floresceram apenas para nós.

Com sua obra "O Cidadao e o Servil", Eça de Queirós mostrou que o amor ao próximo pode ser, afinal, mais satisfatório ao homem do que o individualismo. Espírito, um homem civilizado, moderno, preso em sua falsa felicidade urbana, é transformado pelo campo. Livre da "maçã da cidade", em Terceira, o contato com a simplicidade lhe despertou o verdadeiro interesse ao ajudar os miseráveis da região, tornando-se um verdadeiro "pai dos pobres".

Até o atual momento, a humanidade segue a predestinação da maldita caixa grega. Somos seres ignorantes, que em nossa intolerância, esquecemos o próximo e as futuras gerações. No entanto, nossa própria desgraça nos permite mudar: devemos voltar para o verdadeiro altruísmo e pensarmos a longo prazo, que parecem nos encontrar (seu lugar) seu lugar no mundo contemporâneo. Renato Russo um dia perguntou qual seria o origem da Indiferença, temperada a fúria e fogo. Talvez seja a nossa timidez em não mudar.

Uma perspectiva positiva

01
02
03 Ao longo dos últimos anos, ocorreram, indubitavelmente, drásticos al-
04 terações nas relações políticas e econômicas em nosso mundo, alterando, como
05 consequência, as relações interpessoais e o modo tradicional de pensamento do
06 homem. A sociedade globalizada trouxe, inevitavelmente consigo, um senso de com-
07 petitividade geral e mútua, que abalou os estruturas sociais de nosso mundo. O
08 pensamento curto e egoísta ganhou espaço, mas, ao contrário do que se pode ima-
09 ginar, esse não é, de maneira alguma, dominante; no universo globalizado, a
10 ainda é mais bem sucedida e presente, o pensar futuro e altruísta.

11 O planejamento e o pensamento a longo prazo, por exemplo, são fundamen-
12 tais para o sucesso no mundo contemporâneo, seja esse nos campos acadêmico,
13 profissional ou pessoal. Assim como um estudante faz sacrifícios e prepara-se
14 com antecedência visando um resultado futuro, um grande empreendedor tam-
15 bém deve estar disposto a sacrificar benefícios imediatos em troca de um bene-
16 fício a longo prazo. No mundo globalizado contemporâneo, aqueles que
17 abraçam o pensamento futuro em detrimento das vantagens breves, não os mes-
18 mos que, em última análise, beneficiam.

19 Outro equívoco comum é acreditar que a cultura de sacrifícios e do al-
20 truísmo não está mais viva. Em oposição, encontramos em nosso dia-a-dia
21 ações que contradizem tal argumento. Por exemplo, quantos não são os jovens que
22 sacrificam seus próprios vícios em campos de batalha pela sua pátria ou por um ideal
23 que acreditam correto? Além disso, o altruísmo está presente nos diferentes estí-
24 mos de nossa sociedade contemporânea. A prova cabal disso é a recente comprova-
25 ção por um grupo de bilionários, liderados por Bill Gates, de doar mais da metade de
26 suas respectivas fortunas a instituições de caridade, sem benefícios próprios.

27 Chegamos então que a comum conclusão de que o pensamento a lon-
28 go prazo e o altruísmo estão mortos em nossa contemp. sociedade contemporâ-
29 nea é equivocada; eles estão, ao contrário, mais vivos do que nunca. Seja atrá-
30 vés de medidas isoladas, como o sacrifício da própria vida, ou através de ações co-
31 letivas, como o pensamento comum no futuro ~~ou ainda~~ grandes ações em grupo, ve-
32 rifica-se tal vivacidade. Se, em um momento em que a competitividade ganha cada vez
33 mais força, conseguirmos manter a predominância de tais características positivas, pode-
34 mos ao menos prever um bom futuro para toda a nossa sociedade - construir uma perspec-
35 tiva positiva para o futuro de nossa sociedade.

Altruísmo nos tempos do colera.

O século XIX foi marcado pelo surgimento de diversas teorias políticas e sociais; um dos intelectuais de destaque nesse contexto é Emile Durkheim. Para o sociólogo francês, a repressão do instinto de auto-preservação exigiria integração com o sistema social, sendo que o ápice da submissão do indivíduo à sociedade seria o suicídio altruísta, o sacrifício pelo bem comum.

Contrapondo o pensamento de Durkheim ao de Zygmund Bauman, segundo o qual "os relacionamentos destacam-se sobretudo pela fragilidade", é possível deprender que a falta de altruísmo dos dias de hoje é consequência da superficialidade nas relações pessoais da qual fala o autor de "Modernidade Líquida", haja vista que tal superficialidade impede a integração social.

Mesmo considerando o imediatismo e a impessoalidade que imperam na sociedade contemporânea, é possível observar focos do que alguns chamariam "gentileza" ou "amor ao próximo", como a comecção causada pelo soterramento dos mineiros chilenos ou ~~em~~ pelo terremoto no Haiti, ambos fatos recentes.

Entretanto, essa aparente comecção não é, na maioria dos casos, altruísmo. De nada custa aos cidadãos-comuns forcerem pelo resgate dos chilenos, ao aos EUA e à China doarem ao Haiti alguns milhões em ajuda humanitária. Tais atos não envolvem sacrifício e integração, mas sim jogos políticos e interesse no fato ocorrido, a tal "paixão pelo real", da qual fala Slavoj Žižek.

Não é surpresa, pois, que o auxílio ao Haiti tenha diminuído tão logo a situação do país caribenho tenha saído da mídia, mesmo considerando os cerca de 200 mil infectados pelo colera naquele país. O altruísmo que vemos hoje é estimulado tão somente pelas aparências, é o desejo de ser bem visto pelo outro. Se a "hipertrofia dos olhos" e o egocentrismo são hegemônicos, é natural que o sacrifício seja posto em último plano.

A ilusão perniciosa

Atualmente, constata-se uma clara oposição entre o altruísmo e o pensamento a longo prazo e o egoísmo e o imediatismo. O capitalismo, o modelo econômico vigente, sobrepõe-se à ética tem difundido e banalizado o individualismo e a alienação em massa.

Abre-se que, teoricamente, a ética apregoa o altruísmo e o pensamento a longo prazo para manutenção da integridade e harmonia social. Porém, tal ^{prática} não tem passado dos discursos utópicos politicamente corretos. A realidade do modelo capitalista selvagem tem demonstrado que a prática, em geral, é exatamente oposta, ~~sendo~~ ^{sendo}.

O sistema capitalista estimula o consumismo desenfreado como forma de obtenção de status e distinção, alimentando o individualismo e as diferenças sociais. O consumismo, por sua vez, caminha em direção oposta do desenvolvimento sustentável, um pensamento de longo prazo que propõe a exploração racional do meio ambiente de forma a preservá-lo para as gerações futuras. Assim, tanto o altruísmo quanto o pensamento a longo prazo vem sendo ^{desvalorizados} substituídos pela alienação em massa e reificação do homem, transformando seres criativos e racionais em meros robôs padronizados e conformados.

Assim, tal conformismo do ser humano se dá por meio de bombardios de propagandas que levam a todos - sem haver distinção de raça, classe social e etnia - a consumir desenfreada e inconscientemente. Os ^{mensagens} ^{divulgados} publicitários pregam que a arte de consumir é uma arte laudável; pré-requisito para obtenção de valores imateriais, além de dar jato ser humano, tais como a beleza, a juventude, a socialização, a fama. Assim, tal atitude não altruísta e não racional passa a ser praticada por todos, conformando a teoria do filósofo Hanna Arendt de banalização do mal e de perda de decoro do homem.

Portanto, observa-se que o altruísmo e o pensamento a longo prazo estão por um fio na contemporaneidade. O capitalismo selvagem consome o homem e induz o consumo para obter a realização pessoal, sem levar em conta questões ambientais e sociais envolvidas. Cria-se uma ilusão perniciosa que coloca o altruísmo e o pensamento a longo prazo em último plano. Assim, o ^{o consumo, em primeiro} ^{humano} ^{consumista} pensamento sempre imediatista e conformista caminha para a auto-destruição.

Da fluidez da solidariedade

Suscitado a escrever sobre o lugar e a condição do altruísmo e do pensamento a longo prazo na contemporaneidade, o meu raciocínio imediatamente envolveu dois parâmetros e considerações diversos, distintos e contraditórios. Dada a dificuldade de falar conscientemente sobre a própria época, de diagnosticar-la como coisa acabada, abandonarei qualquer expectativa de dar um veredito sobre a matéria. Como historiador, reunirei minhas considerações numa perspectiva histórica, indicando, em primeiro lugar, o que me parece inadequado e, em segundo lugar, o que me parece profícuo para uma reflexão histórica sobre o altruísmo e o pensamento a longo prazo.

A consideração destas duas coisas, o altruísmo e o pensamento a longo prazo, pode levar a definições e itinerários intelectuais rigidamente presentificados, mendicantes, pouco históricos. Poder-se-ia afirmar que o altruísmo e a solidariedade estariam em franca decadência por causa, por exemplo, da ganância do homem, pressuposto, portanto, uma natureza humana e repetindo um topoi retórico duradouro e característico no Ocidente desde a Grécia antiga, a decadência do homem e dos costumes. Poder-se-ia também constatar o fim do altruísmo e do pensamento a longo prazo a partir de uma concepção de modernidade caracterizada pela expansão franca do individualismo e do imediatismo. Estas duas maneiras de tratar o problema têm pouco valor histórico porque a primeira remete a uma natureza humana imutável e a segunda caracteriza toda uma época a partir de determinado entendimento de um único fenômeno histórico, no caso, a globalização.

Uma abordagem mais flexível e histórica do lugar do altruísmo e do pensamento a longo prazo deixaria de todo qualquer apelo à natureza humana e recusar-se-ia a concluir sobre a matéria a partir de um conhecimento bastante restrito dos fenômenos da modernidade. Ela tomaria o assunto na sua complexidade. Infelizmente não é possível fazer essa abordagem em tão poucas linhas, mas é suficiente orientá-la. Embora o individualismo e o imediatismo sejam características preeminentes de uma sociedade de consumo, esta sociedade é dotada de outras características e a globalização que encampa esses valores não é nem global, nem irreversível. Além disso, e talvez mais importante, é preciso estar atento para eventuais mudanças de significado tanto de individualismo e imediatismo quanto de altruísmo e pensamento a longo prazo para que não se ignore, por exemplo, as iniciativas colaborativas da web, da internet, em prol de uma definição talvez adequada de contemporaneidade. O esfacelamento das coisas na modernidade, como sustentaram entre outros, Marx, Berman e Bauman, deveria nos deixar atentos à fluidez dos significados das palavras e das ações e prevenir quaisquer julgamentos apresreados.

Por um "Império Fénix"

O individualismo impera no mundo contemporâneo. Contudo, todo imperador possui ascensão e queda. Se o capitalismo fixou o egocentrismo e a sede pelo lucro, a Natureza instituiu o altruísmo. É em sua solidiedade e em seu sacrifício ao próximo que a Natureza encontra o homem qual é a chave para a felicidade.

Contudo, o Homo Faber precisa se regenerar e abolir seu ócio de individualismo: o uso insustentável dos recursos naturais. Com a destruição desenfreada das matas, dos habitats e a poluição das águas, limita-se a qualidade de vida dos futuros gerações. Enrijece-se os custos do empobrecimento dos descendentes. Tal quadro mercadológico dos fatores bióticos ~~com~~ concretiza-se como exercício do egocentrismo.

Porém, há uma tropa, na frente de batalha, pronta para atacar. Essa tropa é liderada pela ONU, pelas ONGs de preservação e de proteção, pelas religiões e pelos índios. Assim, a Organização das Nações Unidas (ONU) realiza, sempre, serviços de assistência humanitária, doação de gêneros alimentícios, auxílio às vítimas de catástrofes ambientais e localidades em guerra. Provavelmente seja o exemplo mais concreto de harmonia da atual sociedade.

Organizações não governamentais também abrigam causas nobres: proteção à fauna e à flora, amparo de idosos, tratamento de dentes, e outras. Dessa forma, entidades como o GATC e o Greenpeace contribuem na conquista de território para o altruísmo. As religiões, por sua vez, propagam valores nobres para o mundo. O hinduísmo e o xintuísmo pregam a aproximação do homem e da Natureza, as pastorais católicas distribuem a fé em um lugar mais justo, igualitário e unido.

Conforme a planta Talipot sacrifica a própria vida para criar novos ramos, a Amazônia se renova constantemente. Os folhos e os galhos caídos nos solos úmidos trazem o húmus necessário à manutenção de toda a floresta equatorial. O altruísmo e a cooperação são essenciais e devem ultrapassar os olhos capitalistas em projetos como o etanol e o caso ético.

A semelhança da fênix mitológica, o império do individualismo deve ser destruído e renascido das cinzas. Renascer novo, sob a luz do altruísmo e espelhando-se na Natureza. Que não seja um Kuwait, todavia; e, sim, um Estados Unidos com influência global. Para tal, precisa-se reeducar os povos para ter a coragem de Ícaro em voar e a prudência de Dédalo para inventar o caminho correto.

Filho, um dia isso tudo será seu

O pensamento iluminista - e a doutrina liberal dele consequente - marcou o início de individualismo como valor essencial ao ser humano e ao progresso da humanidade. Baseado nessa premissa, o pensamento liberal pressupunha a busca pela felicidade individual ^{como} força motivadora de progressos técnicos, científicos e intelectuais, que acarretavam em benefícios gerais. O decorrer da história ^{porém,} comprovou a realidade parcial desse pensamento. Muitos avanços foram alcançados - principalmente no campo técnico-científico - mas nem todos foram progressos - muito menos gerais e duradouros.

A problemática ambiental recente é um bom exemplo da incapacidade humana em compatibilizar ganhos individuais e coletivos. A maior dificuldade das diversas conferências ambientais da ONU não se encontra na busca de soluções a um problema comum e compartilhado; buscam-se ^{antes,} culpados e responsáveis maiores pelos problemas - consequentemente quem de fato deve arcar com os custos de prejuízos e mobilizar mudanças. Esse fato ^{alista} ~~reforça~~ a individualização de um problema global que acarreta na desnecessária e perigosa ^{edução de} ~~postergação~~ da ^{questões} ~~problemas~~ ambientais, que comprometerão a vida humana de futuras gerações e mesmo da atual.

É exemplar, ainda, a imagem de um mundo sujo e destruído como um lixo, utilizada em um exame anterior da FUVEST, que tratava a fala de um pai a seu filho: Filho, um dia tudo isso será seu. As heranças ~~de~~ atuais a gerações futuras adotam a realidade dessa imagem. Transmitir-se-ão não apenas problemas concretos, mas principalmente, valores. Dentre eles, o altruísmo é cada vez menos provável de ser um dos valores herdados pelas gerações futuras. É formar-se a um ciclo vicioso em que os problemas serão constantemente postergados, com nenhuma atitude seja tomada.

Antes de um ser individual, o homem ^O ~~homem~~ é, antes de tudo, um ser social. Sendo assim, a conscientização do homem como parte de uma ^o ~~o~~ coletividade precisa ser resgatada - ou mesmo construída. Valores como a solidariedade, o ~~sentido~~ ^{sentimento} altruísmo e o sentimento de destino compartilhado entre os indivíduos não devem ser tratados como meros caprichos humanos, mas sim, como elementos imprescindíveis à perpetuação da raça humana.

A natureza nos faz altruístas

A natureza é regida por leis simples. Uma delas é a necessidade de manter e propagar as espécies. Para tal finalidade, ela se organizou de forma a dar prioridade aos mais fortes, após a reprodução e criou o instinto altruísta, mantendo a coesão e a preocupação mútua entre os indivíduos da mesma espécie. O ser humano, apesar de ter se afastado da natureza em muitos aspectos, mantém o pensamento a longo prazo e ainda sente a necessidade de proteger seus iguais.

A sociedade contemporânea é marcada pelo individualismo, pelo consumo constante e por um certo egoísmo. Essas características mascaram alguns dos instintos primitivos e, em uma interpretação mais superficial, dá a impressão de que cada pessoa vive apenas por si, pensando apenas no tempo presente. Mas, ao analisar outros comportamentos, atrelados ou não aos primários, percebe-se que nem tudo é feito para o consumo ou proveito imediato. Há preocupações com as próximas gerações e até mesmo com o futuro da espécie *Homo sapiens*.

Os avanços tecnológicos, voltados para o meio ambiente e ~~para~~ para as pesquisas aeroespaciais, são provas de que há um destino aspirado por todos, de que há uma união de espécie para um bem maior e coletivo. O efeito estufa, por exemplo, afetará principalmente as futuras gerações, e não a atual. Mesmo assim, grandes esforços são feitos para mudar o comportamento da sociedade em prol dos outros seres humanos que viverão no planeta Terra. Além disso, diante da possibilidade da Terra se tornar incúmbra como um todo, os cientistas procuram por outros planetas habitáveis, pensando na manutenção da espécie.

Espécies individuais, como a de Roberto Burle Marx os plantas a palmeira palma telipet, realmente não são comuns. No entanto, essa não é uma marca do mundo contemporâneo. Durante todo o histórico da humanidade, sempre existiram poucas pessoas voltadas para o futuro do próximo, do desconhecido.

O altruísmo permanece, talvez não de uma forma individual, mas sim no conjunto da espécie. A seleção natural, defendida por Darwin, mantém os aspectos favoráveis ao meio, ajudando na manutenção da espécie. Deusa forma, mantém-se o senso de preocupação com o conjunto. Apesar do individualismo ser uma realidade, quando um problema ameaça todos, a união se mostra eficaz.

O fim das relações humanas

A *Corypha umbraculifera* é uma palmeira que floresce apenas uma vez na vida; depois ela morre para dar origem a outras sementes. Na nossa sociedade, isso poderia ser relacionado com o altruísmo, o esforço de um para o bem do próximo. Porém, atualmente, nota-se que na sociedade consumista essa preocupação com o outro está fragilizada ou já foi ~~totalmente~~ ^{totalmente} acabou.

Essa ~~sol~~ extinção deve-se ao valor imposto pelo capitalismo: busca frenética por capital e obtenção de status na ~~sociedade~~ ^{sociedade}. O indivíduo procura o sucesso financeiro sem respeitar ~~os~~ ^{os} ~~recursos~~ ^{recursos} naturais. Ilustres conferências ambientais foram realizadas para alertar a importância do desenvolvimento sustentável. No entanto, os países não dialogam estratégias a longo prazo. Valoriza-se apenas o aumento do PIB de uma vez em relação a outra. Resultado dessa exploração desenfreada da natureza são os catástrofes naturais que estão aumentando; matando pessoas e prejudicando bilhões ao redor do planeta.

Além do desrespeito com a natureza, existe também a falta de preocupação com ~~a sociedade~~ ^{o bem estar social}. Diferentemente de Mandela, por exemplo, que sacrificou décadas de sua vida na prisão para melhorar a qualidade de vida da população negra sul-africana, as pessoas hoje preocupam-se apenas com o próprio bem-estar. As relações sociais são superficiais; as competições entre os homens não beneficiam a sociedade. O filme "A rede social" exemplifica essa inversão de valores. Nele, o criador do "facebook" lançou diversas ideias e até seu melhor amigo para conseguir enriquecer sozinho.

Conclui-se que hoje, não há preocupação com as gerações futuras. A intolerância do homem com o esgotamento dos ~~recursos~~ recursos naturais, sem refletir sobre as consequências a longo prazo. O novo ideal é o intenso acúmulo de capital sem valorizar as relações humanas. O altruísmo não tem espaço nas relações sociais. Para reverter esse quadro, o homem precisa lutar, criar uma consciência crítica. Matérias como filosofia e sociologia poderiam ser ensinadas nos currículos escolares, pois elas são capazes de dar valor à eticidade e criticidade nos indivíduos.

Sobre percorrer o caminho inverso

Que Jesus Cristo foi exemplo de altruísmo para toda humanidade é fato raramente contestado (inclusive por fiéis não-cristãos e ateus), da mesma forma que a lamentável conclusão de que poucos hoje em dia se lembram desse exemplo e que menos ainda o colocam em prática. Os homens substituíram o altruísmo pelo egoísmo com tanto empenho que o caminho inverso parece impossível de ser percorrido. Mas será mesmo assim?

A consolidação da sociedade de consumo teve como reflexo a criação de um pensamento imediatista, passou-se a desirjar tudo, agora e para si próprio. Porém antropólogos, psicólogos e economistas alertam para a necessidade do estabelecimento de relações mais próximas e planejamento a longo prazo. Vê-se a retomada da preocupação com o outro para a reconquista de uma índole mais humana, pois, sim, o caminho inverso ainda pode ser trilhado.

Foi exemplo disso o paisagista Roberto Burle Marx, ao plantar palmeiras cuja floração seria um espetáculo para os outros mas não para si mesmo, já que essas plantas demoram cerca de cinquenta anos para florir. Esse sentimento de humanidade é que possibilita crescimento, tanto econômico quanto emocional, ao indivíduo, que torna-se cidadão ao se encontrar solidário (e nunca solitário) aos que o cercam.

Sobre pensamento que diz que "a identidade se constrói na alteridade", o homem, sem outros ao seu redor, deixa de si-lo. Grandes feitos se tornam possíveis quando planejados previamente e executados por muitos; e para tal é necessário sacrifício e doação de todos os parts. Essa configuração de projetos a longo prazo é válida desde a ábula familiar até organizações mundiais, mas para tal, o pensamento imediatista deve ser rompido.

Não é por falta de bons exemplos que a sociedade do mundo contém pouquíssimos até cada vez mais egoísta, mas isso pode e deve ser mudado, pois é no altruísmo que nos reconhecemos como seres humanos e é trilhando esse caminho - inverso - que obras grandiosas poderão ser realizadas.

Na obra "O Búfalo", Nicolau Maquiavel discute como deve ser a conduta dos governantes. Para o pensador da Idade Média, aos homens que tentassem ser sempre bondosos, com os outros, caberia somente a ruína. Também para o mesmo, as pessoas precisam ser susadas, agitando-se, muitas vezes, mais ao presente (curto prazo), do que a segurança de pensamento a longo prazo. Estendendo as ambas considerações a outros momentos históricos e a todos os indivíduos, podemos refletir: o altruísmo e o pensamento a longo prazo têm lugar no mundo contemporâneo?

Uma resposta pode ser encontrada nas ideias de Zygmunt Bauman. Para o sociólogo polaco, a pós-modernidade consiste na "Era da liquidez", cuja principal característica é a efemeridade, a fugacidade. Com a generalização do "curto prazo", o pensamento a longo prazo perde efeito, torna-se inútil frente as exigências de mutabilidade. Relacionamentos estáveis, por exemplo, tipicamente duradouros, são substituídos por relações menos duradouras, mais frágeis e superficiais: cada vez mais o "fiar" toma espaço do "ramonar", o "idequismo" das "amizades sororárias", de toda uma vida.

Não só os relacionamentos, mas também as personalidades sofrem transformações. Quando a estabilidade em si mesma é incerta e, portanto a nossa própria existência é de fato tênue, o egoísmo torna-se cada vez mais frequente. Embora o que pertence à atualidade, já havia sido descrito teoricamente no século XIX, como é mostrado em "Memórias Postumas de Brás Cubas". Nesse livro, Machado de Assis trata todo altruísmo do protagonista como sinal de hipocrisia, isto é, a preocupação com o outro era, em última análise, tentam ajudar a si mesmo. Assim, a abnegação mostra-se em crise, desde a Idade Média, até a contemporaneidade, atingindo há certo tempo já, atingindo o ponto mais baixo de declínio na contemporaneidade.

Com análises discussões atuais, podemos elucidar o curso da queda. É cotidiano discutir o paradigma do "desenvolvimento sustentável". Embora frequentemente debatido, o ideal de redução do consumo e do desperdício por parte das gerações presentes, para garantir condições adequadas de sobrevivência para as futuras, enfrenta uma série de obstáculos, principalmente do ordem econômica. Grande parte hedônica de riquezas e prazeres (relacionado ao consumo) para os homens do presente e muito do mesmo do presente é provavelmente sobre o desejo de altruísmo para com seus próprios filhos, os proprietários, de manter um pensamento seguro, de longo prazo.

O altruísmo e o pensamento a longo prazo, portanto, mostram-se em crise no mundo contemporâneo. Sem espaço devido a tendência de efemerização, que não só cortou raízes, pode ser vista não só no século XXI, mas também em anterior, tal qual o XIX, são substituídas pelo egoísmo e pela hedonismo aparente, em detrimento de preocupações futuras. As considerações de Maquiavel, que tem tachadas na Idade Média de pessimistas, são hoje, simplesmente, realistas.

Altruismo e sociedade

Segundo Austretelas, o homem é um animal político. Assim, o ser humano está fadado a viver em sociedade, relacionando-se com outros. Para isso, porém, necessita-se criar o individualismo humano que, no entanto, fortaleceu-se com a ascensão do sistema capitalista, responsável, dessa forma, pelo alívio de o pensamento a longo prazo perdiam, cada vez mais, lugares para o temporário.

No estado natural, segundo Thomas Hobbes, os homens vivem em constante guerra pela sobrevivência. Nesse sentido, o Estado e a vida em sociedade surgem para garantir a proteção do homem que, para manter a ordem estabelecida, deve buscar o fortalecimento do individualismo. Dessa maneira, viver em sociedade é saber subordinar-se com os demais, compartilhar e unir forças para superar obstáculos, impulsionar mudanças, conquistas.

O individualismo, entretanto, apesar de valorizado em certos momentos, tornou-se fundamental, por exemplo, para a união de muitos em busca de conquista das ideias iluministas na Revolução Francesa, de 1789, associou-se com a ascensão do sistema capitalista. Por valorizar a obtenção de lucros e o enriquecimento pessoal, o capitalismo acabou por incorporar o individualismo em detrimento do individualismo, que tomou lugar no mundo contemporâneo.

Nossa moeda, com a proliferação do individualismo, possui-se a pensar no imediato e não mais a longo prazo. Além disso, as relações interpessoais enfraqueceram-se, distantes do valores altruístas, a vida humana tornou-se, como defende Zygmunt Bauman na "Líquida da vida", instável, superficial e sem forma, como os líquidos. Assim, enquanto o individualismo perde cada vez mais espaço atualmente, a estabilidade das relações e um enriquecimento da sociedade tende a ser deixado à medida em que o homem, metaforicamente, deixa de florir como a "palma d'aleluia" e se transforma mais sua vida para criar estradas, ou melhor, deixa de se sacrificar em prol dos demais à sua volta.

Como um animal fadado a viver em sociedade, portanto, o homem necessita fortalecer o individualismo. Porém, com a ascensão do capitalismo, a obediência de si próprio pelos demais tomou lugar de fortalecimento do individualismo.

Redação - FUVEST 2011

A solidariedade no mundo efêmero

Desde a segunda metade do século XX, a terceira revolução industrial tem contribuído para mudanças significativas em vários aspectos da vida contemporânea. Os avanços tecnológicos e científicos são visíveis principalmente na medicina e na informática, mas também afetam as relações humanas. Tal fato, somado à realidade do atual capitalismo monopolista financeiro contribuiu para a formação de uma sociedade baseada no consumo, individualista ao extremo, que considera o altruísmo os esmolas dadas aos mendigos nas ruas.

Essa sociedade global, altamente tecnológica é, em sua maioria, incapaz de pensar a longo prazo, uma vez que a vida é vista como algo efêmero, de pouca duração. Macbeth, na peça de William Shakespeare de mesmo nome, ao ser informado da morte de sua esposa, já divogava sobre o assunto: "Apaga-te, apaga-te, chama breve! A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre um palco..." Sob essa perspectiva, observo-me, muitas vezes, uma visão geral imediatista, que considera desnecessário pensar no amanhã.

Por outro lado, não se pode ignorar que, mesmo diante de condições adversas para a prática do altruísmo, há pessoas em todo o mundo que, de alguma forma, doam-se aos outros, sem pedir nada em troca. Um bom exemplo para ilustrar esse fato é o site da internet "www.vozaz.org", que, por meio de abaixo-assinados que chegam a reunir mais de um milhão de assinaturas, consegue se impor no cenário internacional. Seja para tentar salvar a iraniana Sakineh do apedrejamento ou para impedir a modificação do código florestal brasileiro, o que importa é que tais iniciativas provam que o espírito solidário não está morto.

Finalmente, compreende-se que os avanços tecnológicos devem ser utilizados não apenas para diminuir fronteiras e tornar o mundo global, mas também para torná-lo unido e, respeitando as diferentes culturas, torná-lo mais igual. É nesse contexto que ações como a de Roberto Burle Marx, que plantou árvores "palma talipot" para o proveito do próximo, devem ser valorizadas, para que a vida, apesar de efêmera, possa ser aproveitada por todos, em conjunto.

Renascimento Tardio

A história está permeada de eventos em que as sociedades ou determinados grupos se uniram em prol de um bem comum, visando ao futuro da nação e das gerações seguintes. As revoluções são exemplos da concretização de princípios de compartilhamento e união, que permitiram o desenvolvimento das sociedades e a evolução da humanidade.

Tais eventos têm resquícios até os dias de hoje: as circunstâncias históricas e as consequências mundiais são objeto de estudos contemporâneos. Porém, o que não se destaca é a radical deterioração dos princípios e virtudes vigentes outrora. Hoje, são valorizados o individualismo e a satisfação momentânea, próprios da chamada geração "Y", em detrimento do idealismo de atividade e da estímulos pela perpetuação de fatos e ideologias.

Isso é consequência do estabelecimento e desenvolvimento do sistema capitalista globalizado, caracterizado pelo geógrafo Milton Santos como perverso e excludente, que prega o egocentrismo exacerbado, a competitividade e as relações interpessoais como resultado de interesses particulares e os coloca como ~~de~~ características de seres desajustados e necessários para seu pleno funcionamento, que também implica no usufruto máximo do meio ambiente e na exploração dos recursos naturais.

Esse contexto, portanto, além de alterar a dinâmica social, também modificou a dinâmica natural do planeta e ao atingir uma situação crítica, tem resultado em insípidas, porém crescentes manifestações de preocupação com o destino das sociedades e do planeta. A atenção para a intensificação dos relacionamentos superficiais e sua banalização por meio da internet, o esforço para que haja maior intercâmbio entre grupos marginalizados (seja por meio de redes materiais ou imateriais) e ideias como o desenvolvimento sustentável são exemplos.

O altruísmo e o pensamento a longo prazo não, pois, características que se diluíram ao longo dos anos, mas que, muito recentemente, devido à percepção de que o mundo caminha para o relativismo individual e para a despreocupação com o que está além do presente, têm ganhado espaço e incentivado as populações a buscar equilíbrio, reciprocidade e compartilhamento.

Palmeira ou Narciso?

Narciso, personagem da mitologia grega, se apaixonou por si mesmo e morreu sozinho. Já Narciso, personagem da mitologia grega, se apaixonou por si mesmo e morreu sozinho. Já Narciso, personagem da mitologia grega, se apaixonou por si mesmo e morreu sozinho. Já Narciso, personagem da mitologia grega, se apaixonou por si mesmo e morreu sozinho.

Toda mudança verdadeiramente significativa só se concretiza em um espaço que dá margem a um pensamento de longo prazo. Assim, para todo e qualquer governo é necessário que se planeje e aja visando o que está por vir, pois questões como saúde, educação, consciência social e igualdade racial são questões que só evoluem através de um trabalho de geração para ir, é preciso abandonar a postura paternalista, populista e eleitoralista dos governantes, que só procuram realizar obras de curta duração e cujo efeito em troca de resultados pífios e votos inconscientes. Além disso, o crescimento e desenvolvimento de uma empresa só se dá quando há um planejamento, portanto é impossível supor que numa sociedade demasiadamente progressista, o pensamento de longo prazo possa ser deixado de lado.

Sem que haja o mínimo cuidado e atenção com o próximo, é impossível se manter relações sociais. Por mais que o homem moderno invista em assumir a misantropia e fuja a postura de se isolar dos seus semelhantes, sempre é inerente ao homem, e ele precisará do altruísmo para ~~com~~ viver em grupo. Afirmação que já não há mais sacrifícios na sociedade é um perigoso erro: a própria existência de uma sociedade parte do abrir mão de certas liberdades individuais. O homem não perdeu o altruísmo, ele está simplesmente inebriado pela falsa glória que suas pequenas tecnologias e conquistas individuais ~~em~~ o traz, e precisará abrir mão do seu egoísmo para garantir a sua própria sobrevivência como espécie.

Mesmo que tão esquecidos e deixados de lado, o altruísmo e a preocupação engajada com o futuro são extremamente necessários no mundo contemporâneo. O grande desafio de dar aos dois o seu devido espaço é que a ascensão de valores mais humanos necessita justamente do escasso cuidado com o próximo e consciência social. Assim, é preciso atuação dos países que tem dentro de si a altiveidade e o amor ao futuro, para, assim como a palma talipot, semeiar as bases que garantirão o florescer digno da geração que está por vir. Mais vale uma flor de palma do que uma de Narciso.

A necessidade do altruísmo

No mundo contemporâneo, regido em sua quase totalidade pelo sistema econômico capitalista, ações altruístas, como as de Roberto Burle Marx se tornaram cada vez mais raras. O pensamento em prol do bem individual passou a ser socialmente implantado na mente do indivíduo, afetando aos poucos os códigos de moral básicos da sociedade. Apesar dessa repressão automática do sistema capitalista, ainda existe no mundo contemporâneo, espaço para o altruísmo e pensamento à longo prazo.

Desde a época auge do Iluminismo, pensadores como Adam Smith incentivaram o uso de incentivos econômicos de forma altamente individualista. A cultura nos incentiva a viver pensando quase que exclusivamente em nome de nós mesmos.

Porém, essa ação e este tipo de pensamento gerou uma reação na sociedade. O incentivo à ajuda aos próximos e ao meio ambiente é evidente no cotidiano de qualquer cidadão. São incontáveis o número de vezes que nos deparamos com propagandas e projetos que visam conscientizar e ajudar tanto classes sociais baixas como o meio ambiente. A vontade de agir mesmo a obrigação moral de solidariedade e de ajuda aos próximos se tornou um aspecto cultural marcante, incentivado pelas mídias de massa. O pensamento a longo prazo é necessário para evitar crises tanto no aspecto do encadeamento social como no aspecto ecológico de matérias-primas e bens naturais.

A conclusão é clara: como dizem os princípios da física, para toda ação há uma reação. A reação para a opressão do pensamento individual e capitalista vem tomando seu espaço. O altruísmo e o pensamento a longo prazo não só têm lugar no mundo contemporâneo, como se integram à economia e ao capitalismo, como é o caso das energias limpas, utilizadas por muitas empresas, que ajudam o meio ambiente e barateiam gastos. O altruísmo não só tem seu espaço como é necessário para o crescimento do bem geral da comunidade e do espaço em que ela reside - e consequentemente também para o crescimento individual.

Para que triunfe o "omanhã" e preciso que o "nô" triunfe

No mundo contemporâneo, a hegemonia da humana pertence ao egocentrismo. Inegavelmente, o interesse pelo "eu" e pelo "hoje" supera o sentimento coletivo e a preocupação com o futuro. Todavia, nota-se, para além de uma perspectiva otimista, uma tendência de mudança. Conforme o transcorrer do tempo, os revolucionários aglutinam-se cada vez mais em prol de uma outra realidade, na qual possam a vigiar os princípios iluministas de fraternidade, de liberdade e de igualdade. Basta que se observem as recentes evidências naturais e sociais, para que se conclua a referida tendência.

De início, cabe lembrar a crise de um modelo econômico, cujo propósito é o lucro a qualquer custo. Em suma, as comunidades espalhadas e a natureza agredida já não suportam o capitalismo predatório. Karl Marx, imerso em seu tempo, quando previu o esgotamento desse sistema e previu, assim como ocorreu com o feudalismo. Logo, o conceito de sustentabilidade ambiental progressivamente adquire aceitação, no sentido de ser colocado em prática ao lado de reformas profundas na configuração das sociedades e suas classes.

Por outro lado, vale destacar o papel exercido pelas inúmeras redes sociais, as quais facilitam a reunião de variados grupos políticos e movimentos sociais. O fenômeno do Wikileaks sucedido em 2010 demonstra que o avanço da tecnologia, se em determinado momento possibilita o narcisismo prevalente, em detrimento das ideologias coletivas, daí para frente tende a conspirar a favor da construção da democracia e das justiça plenas.

Ademais, cumpre destacar que a cultura do sacrifício, a despeito de certos contextos, não se extingue. Embora tenha se retirado com a vitória parcial do neoliberalismo e do individualismo, tal cultura mostra-se viva com o Fórum Social Mundial, por exemplo. Não é demais lembrar que enquanto houver quem queira sonhar um socialismo libertário, jamais poder-se-á desistir semelhante noite.

Enfim, o otimismo tem, sim, lugar no mundo contemporâneo e terá muito mais espaço no tempo que está por vir. Pois se o "nô" e o "omanhã" forem suprimidos por completo, a humanidade inteira sucumbiria junto.